



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ANA CÉLIA NUNES DE LIMA

**PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA: UMA ANÁLISE DE TEXTOS DE
ADULTOS NÃO ESCOLARIZADOS**

CAJAZEIRAS - PB

2017

ANA CÉLIA NUNES DE LIMA

**PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA: UMA ANÁLISE DE TEXTOS DE
ADULTOS NÃO ESCOLARIZADOS**

**Monografia apresentada ao Curso de Letras–
Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade
Acadêmica de Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal de Campina
Grande.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais

CAJAZEIRAS - PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764

Cajazeiras - Paraíba

L732p Lima, Ana Célia Nunes de.

Processos de aquisição da escrita: uma análise de textos de adultos não escolarizados / Ana Célia Nunes de Lima. - Cajazeiras, 2017.

68f.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2017.

ANA CÉLIA NUNES DE LIMA

**PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA: UMA ANÁLISE DE TEXTOS DE
ADULTOS NÃO ESCOLARIZADOS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovado em: 30/08/2014

BANCA EXAMINADORA

Maria Nazareth de Lima Arrais

**Prof.ª Dr.ª Maria Nazareth de Lima Arrais (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**

Jaqueline de Jesus Bezerra

**Prof.ª Esp. Jaqueline de Jesus Bezerra (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**

Hérica Paiva Pereira

**Prof.ª Dr.ª Hérica Paiva Pereira (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**

À minha filha, pelo carinho e incentivo.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço com todo e amor e devoção àquele que, com toda sua misericórdia e compaixão, me ajudou a seguir e realizar mais essa conquista, DEUS.

Ao meu marido Cloves Assis Filho e em especial a minha filha Milleny Vitória Nunes de Araújo, que caminhou comigo em toda essa jornada de sacrifício, ajudando-me com palavras de conforto e encorajamento.

Aos meus pais que, com esperança e desejo de me ver formada em um curso superior, e mesmo estando longe, torceram para mais uma realização em minha vida.

À minha orientadora Prof.^a Dra. Nazareth de Lima Arrais, minha amiga e pessoa muito querida, por ser extremamente dedicada e compreensiva em todos os momentos.

Agradeço às minhas companheiras de estudo pelos momentos de constante aprendizado, decorrentes dos instantes presentes em nossas rodas de estudos.

A todos os professores, que participaram e colaborando para a construção do meu aprendizado.

À amiga Maria Teresa Sobral, minha companheira de trabalho, por ter contribuído com incentivo e compreensão para minha formação acadêmica.

Aos participantes da pesquisa por serem responsáveis pelos *corpora* coletados para a realização desse estudo e crescimento do meu conhecimento.

Por fim, a todos que colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho e para a minha formação acadêmica.

Temos de respeitar os níveis de compreensão que os educandos – não importa quem sejam – estão tendo de sua própria realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome da sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade.

Paulo Freire (2006, p. 27).

RESUMO

A capacidade de realização da escrita parte de uma construção ativa, uma habilidade técnica incitada pela necessidade de conhecimento e compreensão da natureza da linguagem que se fala a nossa volta. Nesse sentido, esta pesquisa prioriza o processo de aquisição da escrita em adultos não escolarizados, partindo da ideia de que esses sujeitos despertaram o desejo de adquirir outras habilidades, que não apenas a oral, para interagir melhor com o mundo que os rodeia. Por este viés, esta pesquisa tem como objetivo geral: analisar o processo de aquisição da escrita em textos de adultos não escolarizados, a fim de entender como ocorre esse conhecimento da escrita alfabética ali presente. Inicialmente, discorreremos sobre teorias do processo de aquisição da escrita; depois selecionamos o *corpus* da pesquisa; e, por fim, descrevemos aspectos do processo de aquisição da escrita presentes em textos de adultos. Para tanto, nos fundamentamos nos estudos sobre a alfabetização de Ferreiro (1985), que abrangem ideais e dados oriundos da psicogênese, amparada nos fundamentos teóricos da psicolinguística e da hipótese de aprendizagem. E também buscamos apoio na abordagem da proposta de alfabetização para Freire (2006), que está ligada à cultura e faz parte da realidade do sujeito. Levando-se em conta o processo metodológico, nossa pesquisa se caracterizou como sendo etnográfica, seguindo uma abordagem qualitativa. Levantamos um universo de nove textos, entre os quais foram selecionados sete como *corpus* para análise, com a contribuição de cinco sujeitos. Utilizamos como instrumentos de pesquisa um questionário contendo perguntas abertas e fechadas. Como categorias de análise, voltamo-nos para: os métodos e níveis de alfabetização. Da análise, ficou evidente que os sujeitos, em seu processo de aquisição da escrita, usaram o método analítico, encontrando-se, no momento da pesquisa, nos níveis silábico alfabético e alfabético.

Palavras-chave: Aquisição da escrita. Método analítico e sintético. Níveis de alfabetização.

ABSTRACT

The ability to use writing comes from an active construction, a technical skill driven by the need for knowledge and comprehension of the nature of the language spoken around us. Thus, this paper prioritizes the process of acquisition of writing in non-educated adults, starting from the idea that these subjects have developed the desire to acquire skills other than oral to better interact with the world around them. From this point of view, this paper has the main objective of analyze the process of acquisition of writing in non-educated adults' texts, aiming to understand how the knowledge of the alphabetic writing in these productions occurs. Initially, we present theories about the process of acquisition of writing; afterwards, we select the *corpus* of research; in the end, we describe aspects of the process of acquisition of writing present on the adults' texts. For this purpose, the paper is based on the studies about literacy by Ferreiro (1985), which cover ideals and data deriving from psychogenesis, backed by the theoretical foundations of psycholinguistics and the hypothesis of learning. We also use Freire's (2006) approach of a proposition of literacy, which is linked to culture and is part of the individual's reality. Regarding the methodological process, our research is characterized as ethnographic, following a qualitative approach. We gathered a universe of nine texts, of which seven were chosen as the *corpus* for analysis, with the contribution of five individuals. The survey material used was a questionnaire with open and multiple-choice questions. The analysis categories chosen were the methods and the levels of literacy. From this analysis, it was evident that the individuals, in their process of acquisition of writing, used an analytical method, being at the syllabic-alphabetic and alphabetic levels in the moment of research.

Keywords: Acquisition of writing. Analytical and synthetical method. Literacy levels.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Políticas públicas direcionadas à educação de jovens e adultos no Brasil.	19
Quadro 2	- Níveis de escrita segundo Emília Ferreiro.....	25
Quadro 3	- Fases de aplicação da proposta de Alfabetização para Freire.....	29
Quadro 4	- Síntese da caracterização dos sujeitos colaboradores da pesquisa.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP	Centro de Formação de Professores
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UAL	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITA.....	16
3 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.....	20
3.1 UM POUCO DA HISTÓRIA.....	20
3.2 SOBRE O ANALFABETISMO NO BRASIL.....	21
4 A ESCRITA E A LEITURA DE MUNDO.....	24
4.1 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA EMÍLIA FERREIRO.....	24
4.2 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA FREIRE	29
4.3 A CONCEPÇÃO DA ESCRITA PARA ADULTOS	32
5 METODOLOGIA.....	35
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	35
5.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS.....	35
5.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA	37
5.3.1 Levantamento e seleção do <i>corpus</i>	37
5.3.2 Critérios de análise	38
5.3.3 Categoria de análise.....	38
6 ANÁLISES DOS TEXTOS.....	39
6.1 O MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO.....	39
6.2 OS NÍVEIS DA AQUISIÇÃO DA ESCRITA PRESENTES NOS TEXTOS	43
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICES	57
APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO	58
APÊNDICE B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	60
ANEXOS	62
ANEXO A - TEXTO “A”: DORA	63
ANEXO B - TEXTO “B”: DORA	64
ANEXO C – TEXTO “C”: JOSÉ.....	65
ANEXO D - TEXTO “D”: JOSÉ	66
ANEXO E - TEXTO “E”: MARIA.....	67
ANEXO F - TEXTO “F”: MANUEL	68
ANEXO G - TEXTO “G”: JOANA	69

1 INTRODUÇÃO

A aquisição da escrita possibilita ao indivíduo maior autonomia e oportunidade de liberdade comunicativa. A capacidade de realização da escrita parte de uma construção ativa, ou seja, uma habilidade técnica incitada pela necessidade de conhecimento e compreensão da natureza da linguagem que se fala a nossa volta.

O processo de aquisição da escrita em adultos não alfabetizados parte da ideia de que esses sujeitos despertaram o desejo de adquirir outras habilidades, que não apenas oral, para interagir melhor com o mundo que o rodeia. Nesse sentido, conhecer a reprodução desse sistema de escrita e como ela se representa e a associação entre a grafia e a pauta sonora, tudo relacionado à cognição e à intuição do falante, é relevante no processo de educação do jovem e do adulto.

As concepções metodológicas no processo de alfabetização, formuladas por Ferreiro (1985), abrangem ideais e dados oriundos da psicogênese da escrita da criança e não de fatores puramente mecânicos. Amparada nos fundamentos teóricos da psicolinguística e da hipótese de aprendizagem em que a criança produz o seu conhecimento, edifica uma teoria psicogenética da aquisição, que parte de uma construção elaborada pelo próprio sujeito.

Outra abordagem é a proposta de alfabetização para Freire (2006), que está ligada à cultura e faz parte da realidade do sujeito, tornando-o participante, levando-se em conta o conhecimento prévio, instigando-o a ser criador, cuja alfabetização se dá pela conscientização. Tal processo parte de princípios norteadores que percorrem um caminho para se chegar à aprendizagem, tendo como primeira fase o universo vocabular, no qual o sujeito está inserido.

Com base nessas reflexões, elaboramos o seguinte questionamento de pesquisa: Como ocorre o processo de aquisição da escrita em adultos não escolarizados? Partimos do pressuposto de que a aquisição da escrita ocorre através da observação e do treinamento. O sujeito sente a necessidade de aprender a técnica e exercita de forma persistente, até encontrar a forma semelhante à escrita convencional. Durante o processo de alfabetização, esse sujeito construtor e histórico deve fazer parte de todo o contexto de produção e aprendizagem, pois o sujeito é quem se responsabiliza pelo próprio conhecimento, fundamentado na sua cultura, experiência e desejo, algo que está inserido no seu mundo, construindo um extenso bloco de significados.

Na intenção de responder aos questionamentos, traçamos como objetivo geral: analisar o processo de aquisição da escrita em textos de adultos não escolarizados, a fim de entender

como ocorre esse conhecimento da escrita alfabética ali presente. E como objetivos específicos: discorrer sobre teorias do processo de aquisição da escrita; selecionar o *corpus* da pesquisa e descrever aspectos do processo de aquisição da escrita presentes em textos de adultos.

Nossa discussão, portanto, foi fundamentada nos processos de aquisição da escrita, largamente discutidos por Ferreiro e Teberosky (1985), Ferreiro (1993), Freire (1979) e Freire (2006). Nesse direcionamento, abordamos sobre os processos de alfabetização e aquisição da escrita numa perspectiva cognitiva e também social, na intenção de descrever aspectos do processo da escrita em textos de adultos.

Metodologicamente, nossa pesquisa se caracterizou como sendo etnográfica, seguindo uma abordagem qualitativa. Levantamos um universo para a pesquisa de 09 textos, destes foram selecionados 07 como *corpus* para análise, com a contribuição de 05 sujeitos colaboradores. Utilizamos como instrumentos de pesquisa, um questionário contendo perguntas abertas e fechadas. Elaboramos como critérios de análises os seguintes: Qual o método de alfabetização utilizado para a escrita dos textos? e Qual o nível/fase de alfabetização dos sujeitos colaboradores que os textos indicam? E como categorias de análise, selecionamos: os métodos sintético e analítico de alfabetização e os níveis de alfabetização.

A pesquisa partiu da necessidade de estudar a construção da linguagem escrita pelo adulto não alfabetizado, como também de sua capacidade de reconhecimento das letras, da formação das palavras e da produção de enunciados.

Além disso, pesquisar sobre tal processo é relevante para abranger o conhecimento do professor que almeja desenvolver um trabalho de qualidade no auxílio ao aprendente em sua competência comunicativa.

O trabalho está estruturado em cinco capítulos centrais: o primeiro traz algumas considerações sobre a escrita como um sistema e um produto cultural que resulta de uma atividade do sujeito no mundo, um ser consciente, reflexivo e construtivo. Assim, seguimos descrevendo que a escrita faz parte da atividade humana sobre o universo. Aqui também dialogamos com o letramento, embora não seja esse o foco da discussão.

No segundo capítulo, primeiro discorreremos sobre a história da educação de jovens e adultos no Brasil, as políticas públicas importantes, que envolvem o sistema educacional e abrange todo um domínio de vida social. Depois, seguimos relatando sobre o analfabetismo no Brasil e a luta contra essa realidade, através das implantações de políticas de inclusão social.

Dando continuidade ao estudo, no terceiro capítulo, discorremos sobre a escrita e a leitura de mundo. Inicialmente, apresentamos o processo de alfabetização para Emília Ferreiro, seguido do processo de alfabetização para Freire. Nessa discussão, fundamentamos as categorias que serão analisadas nos textos levantados como *corpus* de pesquisa.

No quarto capítulo, apresentamos a metodologia adotada na elaboração do trabalho como sendo etnográfica, em que a relação do pesquisador com a pesquisa em si abrange o seu objetivo de aprendizagem, o conhecimento e a coleta de dados. Apresentamos os sujeitos da pesquisa, os instrumentos utilizados, o levantamento e seleção de *corpus*, os critérios e as categorias de análise.

No quinto e último capítulo, apresentamos a análise dos textos selecionados como *corpus*. Esse momento constituiu a principal fonte de dados linguísticos do estudo e de resultados, uma vez que nosso foco é apresentar dentro dos textos oferecidos o processo de construção da escrita e a valorização desse conhecimento para o sujeito que aprende.

Além desses capítulos, há também um texto inicial a que chamamos de introdução na qual consta a temática, os questionamentos de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos, a hipótese, a abordagem metodológica e as principais partes que constituem a pesquisa. Outro, final, são as Considerações finais em que elencamos os resultados obtidos com a análise dos dados pesquisados, além das referências, apêndices e anexos.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITA

A alfabetização e o letramento são foco imprescindível de diversas discussões na área educacional. Em relação aquela os métodos utilizados para tal prática são fontes de questionamentos e vários estudos. Quando falamos em alfabetizar, logo nos remetemos à aprendizagem, conhecimento, interação – comunicação. Não apenas como um processo metódico que ocorre dentro da sala de aula entre professor e aluno, mas algo que está além da escola.

Para Ferreiro (1995), o processo de alfabetização não é algo mecânico, pois a criança constrói grupos interpretativos, supõe, prevê, cria, procurando entender o que está a sua volta. A autora (1995, p. 9) explica que “a alfabetização inicial é considerada em função da relação de quem ensina e quem aprende, sem levar em consideração a natureza do objeto de conhecimento na qual envolve essa aprendizagem”. Então, tais práticas educativas são fundamentais considerar, tanto a sua historicidade como também as proporções políticas e culturais, uma vez que se referenciam para melhor entender as práticas de alfabetização que visam transformações de qualidade em contextos determinados.

Tais reflexões apresentam a alfabetização não como uma habilidade simplesmente de produção e decifração de leitura e escrita, mas como uma execução de ações que constituem sua cultura. O sujeito possui habilidades próprias, adquiridas de poder ler e escrever e tem capacidade de conhecer e absorver conhecimento. Ferreiro (1985 p. 27) escreve que “a criança constrói seu pensamento lógico”. O processo de aprendizagem não precisa de métodos, mas da própria atividade do sujeito através da observação, da sua vivência com o meio, como também da sua ação individual e efetiva.

É certo que todo ser humano tem o poder do conhecimento, que a educação faz parte da sua vida e que, para alfabetizar-se, a escrita é o ponto de construção essencial para concluir esse contexto. Segundo Tfouni (1995), a escrita é um sistema de produto cultural que resulta de uma atividade do sujeito no mundo, um ser consciente, reflexivo e construtivo. Ela, tanto propaga as ideias, como também centraliza e unifica o poder daqueles que tem acesso a ela.

No início, em seu processo histórico, Tfouni (1995) explica que a escrita se limitava a textos sagrados acessíveis apenas aos sacerdotes, que relacionavam esse conhecimento a acessão de poder, um tipo de código escrito, ou seja, seu sistema ideográfico que garantia poder a burocratas e religiosos, excluindo o povo de tal conhecimento. Na Mesopotâmia (Grécia e Jônia), a mais antiga forma de escrita era conhecida como escrita suméria, que eram peças de argila, utilizadas nos templos, para gravar relações de troca e venda de mercadorias.

Já nos séculos V e VI a.C, a sociedade onde a escrita era acessível a todos era considerada letrada, tornando-se assim uma civilização transformada cultural e politicamente, por a escrita se tratar de um domínio social. Assim,

O processo de difusão e adoção dos sistemas escritos pelas sociedades antigas, no entanto, foi lento e sujeito a fatores político-econômicos. [...] escritos criados pelo homem: pictográficos, ideográficos ou fonéticos, todos eles, quer simbolizem diretamente os referentes concretos, quer “representem” o “pensamento” (ou “ideias”), ou ainda os sons da fala, não são produtos neutros; são antes resultados das relações de poder e dominação que existe em toda sociedade. (TFOUNI, 1995, p. 10).

É evidente que a escrita faz parte da atividade humana sobre o universo, e historicamente está associada ao jogo de dominação daqueles que tiveram acesso a esse sistema, mas, um fator importante do seu surgimento foi a ênfase ao crescimento das civilizações e o desenvolvimento de todos os setores em meio à sociedade. A escrita como prática social e histórica é um possante instrumento de ação social, uma vez que se inicia através do contato do sujeito com o outro, e da sua própria necessidade de contato.

Nessa perspectiva, segundo Soares (2017), é necessário conhecer o valor da função atribuída à língua escrita pelas camadas populares, para que se possa compreender o significado que tem para as crianças pertencentes a essas camadas. Portanto, a língua como objeto de aprendizagem tem um valor social e não meramente escolar, pois ela é importante mediante o valor afável que a circula.

Segundo esse contexto, fica evidente que a língua escrita nos aproxima das práticas sociais, pois está envolvida nas atividades cotidianas das quais participamos ativamente. Essa prática é carregada de elementos necessários para a nossa vida, dando-nos suporte imprescindível de comunicação, partindo da necessidade pessoal, pois nos lota de aprendizado e fortalece nossos atos, colocando-nos na ativa, para exercer funções precisas e necessárias para a vida.

Para Ferreiro (1995), o processo de escrita se inicia muito antes da escola, pois o indivíduo desde que nasce é construtor de conhecimento, ele participa de atos que envolvem a escrita, procura respostas, faz esforços para decifrar o mundo que o rodeia, e tais construções exigem do sujeito uma relação entre a ação e o objeto de conhecimento. A autora escreve:

A criança recebe informações sobre a função social da escrita participando desses atos [...]. É provavelmente através de uma ampla e contínua participação nesse tipo de situações sociais que a criança acaba conseguindo compreender por que a escrita é tão importante. (FERREIRO, 1995, p.100).

Nessa informação, o aprendizado acontece nos mais diferentes contextos em que a escrita participa da paisagem urbana, e o sujeito encontra-se exposto completamente a variadas representações gráficas em seu ambiente social, exigindo assim constantemente o uso da leitura. Se pensarmos na escrita apenas como um objeto escolar, convertamos esse aprendizado apenas a algo meramente mecânico e sem levar em consideração as suas funções extracurriculares.

Assim, Ferreiro (1995, p. 103) revela que “a língua escrita é muito mais que um conjunto de formas gráficas. É um modo de a língua existir, é um objeto social, é parte de nosso patrimônio cultural.” Pois em espaços de vivência real a um universo de informações possíveis de assimilar, a compreensão delas se esbarra na cognição tentando formular as mais variadas hipóteses, possibilitando chegar ao conhecimento.

Nas escolas, a dificuldade de aprendizagem é bastante complexa. Há cada vez mais estudos relacionados a métodos e técnicas que venham a solucionar, ou contribuir como procedimento metodológico e modelo para o ensino e aprendizagem da língua escrita. As escolas junto à sociedade contribuem consideravelmente para a concepção de uma sociedade mais justa e democrática, pois a alfabetização é o ponto chave para esse acontecimento. A aquisição da escrita, tanto como processo de alfabetização quanto como função social se estabelece como instrumento norteador do desenvolvimento da vida em sociedade e necessidade insaciável do homem.

Nesse contexto, a escola é o lugar propício à socialização do conhecimento. Na abordagem de Kramer (1986, p. 19), a alfabetização se apresenta “como processos dinâmicos que convergem para a construção de um objeto de conhecimento”, processos esses que favorecem o equilíbrio e transformação de interesse mútuo. A construção da escrita recebe influências do meio em que o homem está inserido, e tal processo constitui métodos cotidianos que envolvem as pessoas no seu convívio, as letras, as linguagens que estão presentes e tem contato direto cotidianamente.

Vários são os métodos utilizados para o processo de alfabetização dentro da escola que, segundo Soares (1985 *apud* KRAMER, 1986, p. 28), sistematiza esses estudos com os enfoques: psicológico, no qual a aprendizagem é ler e escrever; psicolinguístico de aspecto cognitivo, relacionado à linguagem e à memória; sociolinguístico, relacionado ao uso social da língua e seu contexto sociocultural e o estudo linguístico, entendendo o processo de alfabetização como um progressivo domínio de regularidades e irregularidades. Assim, letramento e escrita se envolvem no processo de alfabetização que levam o indivíduo a lidar com competências e situações em desafios do cotidiano que envolvem a linguagem.

Nessa perspectiva, alfabetização e letramento andam juntos, ou seja, de um lado, alfabetizar consiste em dominar o código alfabético em seu sistema funcional de realização e o letramento envolve operações cognitivas ordenadas para certas práticas do cotidiano, tais competências adentram uma na outra, pois inserem a condição do sujeito como um ser funcional, e tais conhecimentos fazem com que o sujeito atinja seus objetivos mediante o uso da escrita.

Kleiman (1986) expõe a concepção de letramento e acredita que não é a aprendizagem da escrita através do método usado, o porte mais significativo. A produção da escrita agrega influência de vários meios, assim o letramento corresponde ao embarcamento do sujeito com o mundo da escrita, caracterizando o envolvimento concreto com tal fenômeno envolvendo a linguagem, a identidade do sujeito e a ação em seu meio cultural e histórico.

Vê-se assim que o processo da aquisição da escrita envolve tanto a alfabetização quanto o letramento, caminhos os quais são relevantes para o processo de aprendizagem dos sujeitos, uma vez que carregam uma bagagem de conhecimento que nasce de experiências adquiridas ao longo da vida.

Com esse entendimento, seguimos a discussão focalizando a Educação de Jovens e Adultos (EJA), integrada à luta de políticas educacionais voltada para uma ação efetiva de educação, no capítulo seguinte.

3 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

3.1 UM POUCO DA HISTÓRIA

O processo de alfabetização de adultos relaciona uma área bastante complexa, por considerar questões do campo educacional, em situações do campo político e social. Esse campo educacional busca contribuir para a construção do cidadão único, crítico e ativo, procurando realizar mudanças complexas para sua realidade e propõe ao indivíduo um conhecimento que parte da ideia de vida e de sua realidade.

As campanhas de erradicação do analfabetismo no Brasil tiveram inúmeras ocorrências, partindo de ideias inovadoras, abarcando um percurso de ações educativas que abrangessem a população, dando acesso à escolarização. Várias foram as tentativas de projetos formulados para tais acontecimentos como ações sociais de alfabetização durante um longo período. Vejamos como nos mostra o quadro a seguir, alguns fatos importantes na história da erradicação do analfabetismo.

Quadro1 - Políticas públicas direcionadas à educação de jovens e adultos no Brasil

1947	Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA)
1952	Campanha Nacional de Educação Rural
1958	Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo
1961	Movimento de Educação de Base da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil Movimento de Cultura Popular do Recife Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler Natal Centros Populares de Cultura, órgãos culturais da União Nacional dos Estudantes (UNE)
1971	Ensino supletivo Campanha do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral)
1985	PEI – Programa de Educação Integrada Fundação Educar
1988	Ensino fundamental público e gratuito aos jovens e adultos Programas de Alfabetização Solidária ou Movimentos de Alfabetização (Movas)
2003	Programa Brasil Alfabetizado PROJOVEM Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos (PROEJA)
2007	Fundo de Financiamento da Educação Básica (Fundeb)

Fonte: UNESCO (2008, p. 20-27).

Como visto no quadro acima, vários foram os projetos apresentados pelo governo para a possibilidade de alfabetização para jovens e adultos, mas muitos não tiveram êxito, um fracasso de aprendizagem correspondente a um grupo de influências socioculturais, que não parte de um só sujeito, mas de um conjunto que envolve todo um grupo social.

Segundo a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura-UNESCO (2008), nas políticas públicas existentes que presenciamos hoje no Brasil, a modalidade de ensino que constitui a EJA mostra-se como um direito do cidadão, fazendo com que a ideia de compensação seja excluída e concordando com o conceito de equidade, aprendizagem e qualificação constantes, não de caráter adicional, mas fundamental.

A EJA compreende um grupo variado de práticas e propostas educacionais que envolvem um sistema e abrange todo um domínio de vida social. É considerada uma trajetória através de direcionamentos para tentar erradicar lacunas, que preenchem um ensino prestado a toda a sociedade, no entanto, o atual governo não vê esta política como favorável e planeja desfazê-la, o que já vem acontecendo com o corte de verbas.

O processo de alfabetização de jovens e adultos está destinado a uma parte da população que vem sendo suprimida historicamente. Como continuidade da discussão, seguimos escrevendo sobre o analfabetismo no Brasil.

3.2 SOBRE O ANALFABETISMO NO BRASIL

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira-INEP (2015), o conceito de alfabetização estabelecido pelo MEC (Ministério da Educação) denomina o sujeito alfabetizado, aquele que tem a capacidade de fazer uso da linguagem escrita e matemática em diversos contextos, ou seja, o sujeito é considerado alfabetizado quando aprende a ler consideráveis palavras, frases curtas, escreve seu nome e tem a capacidade de usar esse conhecimento em seu cotidiano, causando assim em meio à sociedade, transformações individuais e sociais.

Em contraponto, a ideia de analfabetismo se refere ao sujeito que não sabe ler e escrever, restringindo o aprendizado a seu uso no contexto em sociedade. Ou seja, o sujeito que sabe apenas escrever o nome e não tem ideia de qualquer outro tipo de comunicação entre a leitura e escrita não é considerado um ser ativo de comunicação escrita, como também aquele que não frequentou a escola. Então, se não souber ler e escrever coisas simples do cotidiano e não tiver uma lógica matemática básica é declarado analfabeto.

O analfabetismo nos dias de hoje é considerado uma preocupação, pois a falta de capacidade de executar o uso da leitura e escrita pelos sujeitos em meio à vida social ainda está presente na civilização. O combate ao analfabetismo na área educacional vem sendo no decorrer da história uma tentativa implacável de luta, e muitos são os avanços através de

implantações de políticas de inclusão social. Muitas propostas foram formuladas e concretizadas pelo Ministério da Educação para a erradicação do analfabetismo no Brasil.

Assim, várias são as lutas enfrentadas contra o analfabetismo, não só no Brasil, mas em diversos países no mundo. Nesta escala, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (2008), o Brasil encontra-se entre os 10 países com mais população de adultos analfabetos, englobando um número de 72% no mundo. Na tentativa de erradicar o problema, em coletiva união, as comunidades internacionais têm dado muita ênfase à ordenada questão, tornando o combate ao analfabetismo de jovens e adultos em uma responsabilidade conjunta, assegurando apoio de todas as partes do mundo, apoio esse que venha a diminuir esse índice.

Haddad e Siqueira (2015, p. 89) informam que, no Brasil, “dados recentes mostram que temos 13,1 milhões de pessoas acima dos 15 anos de idade que não sabem ler nem escrever, o equivalente a 8,3% para esta faixa etária”. Pode-se assim inferir, que muitos são os jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de alfabetizar-se, fazendo com que tal desconhecimento dificultasse o seu estilo de vida. A comunicação restrita de leitura e escrita torna-se uma problemática em muitos meios sociais. Segundo os autores,

[...] a educação de adultos é definida mais que um direito, mas como uma educação que se realiza ao longo da vida, sendo tanto consequência para o exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade. Essa concepção ampliada de educação ao longo da vida não se esgota na escolarização, compreendendo também aprendizagens realizadas de forma sistemática ou incidental nas mais diversas práticas sociais familiares, comunitárias, religiosas, políticas, de trabalho, de informação, comunicação, lazer ou fruição cultural. (HADDAD & SIQUEIRA, 2015, p. 91).

Como apresentado, a leitura e a escrita são condições importantes na vida do homem, condição mínima de atividade na vida econômica, política e cultural. Se alfabetizar é algo de que necessitamos como as coisas básicas da vida que é saúde, trabalho e lar, o analfabetismo conduz o ser humano a inibir acontecimentos importantes, que pode restringir da forma mais impactante a vida.

Se considerarmos as diferenças regionais e sociais, entendemos que são também fatores que precedem o analfabetismo. Quando falamos em regiões com menor desenvolvimento econômico, já podemos imaginar um contexto social de vida mais modesta e sem oportunidade. No Brasil, o Nordeste é um dos locais que está envolvido neste percentual,

que, segundo fontes do IBGE (2008), é um continente de oito milhões de analfabetos, que corresponde a 50% do total do país.

Levando em consideração as faixas etárias do sujeito em relação ao analfabetismo, podemos incluir todas, mas com impactos diversificados. Segundo Machado (2016), o analfabetismo se concentra especialmente na população com mais de 60 anos, na área rural. O combate a essas diferenças é a base para se propor diferentes estratégias que venham a favorecer todo o público.

No decorrer de diversas leituras sobre o analfabetismo, segundo o INEP (2015), pode-se constatar que no Brasil, muitos jovens analfabetos já frequentaram a escola e mediante tal fracasso de alfabetização, podemos concluir: a má qualidade escolar, a precocidade do trabalho e o despreparo da rede de ensino levam o estudante ao abandono escolar. O jovem sem retorno à escola se torna com o passar do tempo, conseqüentemente, um analfabeto funcional.

A adoção do conceito analfabeto funcional envolve todos os sujeitos com menos de quatro séries concluídas de estudos, adequando-se à realidade econômica existente na contemporaneidade, elevando assim o número de analfabetos no país. Para o INEP (2015)¹ a criação e expansão do atendimento escolar foram acontecimentos bem significativos para o processo de diminuição do analfabetismo entre jovens, mas insuficientes para garantir uma considerável etapa conclusiva de escolarização, neste caso, o ensino fundamental.

Levando em consideração dados recentes segundo o IBGE (2015), em 2014, a taxa de analfabetismo caiu 4,3 pontos percentuais em 14 anos, um índice bastante favorável da luta por resultados positivos em relação à educação, mas muito longe de se alcançar os resultados esperados pelo Ministério da Educação. Já para o sujeito, o processo de alfabetização se torna um desafio para aqueles que a buscam e que querem aprender, o próprio sujeito cria barreiras sem levar em consideração a importância dessa aprendizagem para sua vida.

É importante salientar que a luta pela queda do analfabetismo tem sofrido o descuido e a indiferença do governo, que ascendeu com o golpe de estado de 2016. Tal realidade deixa à margem as políticas públicas de erradicação do analfabetismo e, conseqüentemente, o direito à educação pela camada que não teve, por alguma razão, acesso a ela.

Na sequência, vamos apresentar quais as propostas sobre a escrita e a leitura de mundo sob a perspectiva de alfabetização para Emília Ferreira e para Paulo Freire.

¹Informações obtidas no site: [http:// portal. Mec.gov.br/component/tags/tag](http://portal.Mec.gov.br/component/tags/tag).

4 A ESCRITA E A LEITURA DE MUNDO

4.1 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA EMÍLIA FERREIRO

As concepções metodológicas no processo de alfabetização formuladas por Ferreiro (1985) abrangem ideais e dados oriundos da psicogênese da escrita da criança e não de fatores puramente mecânicos. Amparada nos fundamentos teóricos da psicolinguística, ela intensificou o seu estudo através da criança e de como ela produz o seu conhecimento e edifica uma teoria psicogenética da aquisição, na qual está envolvida. Esse processo de aprendizagem não é mecânico e faz parte de uma construção elaborada pela criança.

A prática da alfabetização se referencia por métodos tomados como caminhos, que podem ser percorridos para alcançar a aprendizagem. Tais métodos ocorrem em dois tipos: o sintético, com enfoque entre a oralidade e a escrita, ou seja, a relação entre a grafia e o som, partindo de elementos menores que a palavra, fazendo com que o sujeito reconheça os sons e o associe a sinais gráficos, um método puramente mecânico no qual se utiliza a técnica para decifrar o texto; e o método analítico, com uma abrangência na leitura, que parte de um ato global e audiovisual, ou seja, a leitura é um ato visual, um reconhecendo palavras e orações, partindo de unidades de significação até alcançar unidades menores de decomposição. Assim,

[...] a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõem problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia, trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal disposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia da lecto-escrita esqueceu [...]. (FERREIRO &TEBEROSKY, 1985, p. 11).

Como visto, a abordagem da teoria no campo da aquisição da escrita é considerada uma complexidade. Inúmeros estudos e diversas publicações, já transgrediram o universo de conceitos sobre métodos de ensino e aprendizagem.

Nessa constatação, um estudo que apresenta o sujeito como construtor de seu próprio conhecimento é considerado um marco relevante da psicolinguística, trata-se de um caminho propício para os estudos de Ferreiro e Teberosky (1985, p. 32) enfatizando que “todo enfoque teórico (e toda prática pedagógica) depende de uma concepção sobre a natureza do conhecimento, assim como de uma análise do objeto sobre o qual se realiza o conhecimento.”

A partir daí, o método de aprendizagem brota da própria essência do indivíduo, e o estudo para tal teoria deve surgir a partir dessa origem de construção. As autoras expõem que,

A escrita não é cópia passiva e sim interpretação ativa dos modelos do mundo adulto. Longe da caligrafia e da ortografia, quando uma criança começa a escrever, produz traços visíveis sobre o papel, mas além disso, e fundamentalmente, põe em jogo suas hipóteses acerca do próprio significado da representação gráfica. (FERREIRO &TEBEROSKY, 1985, p. 34).

Como apresentado, a aprendizagem da língua escrita e a ascensão do conhecimento partem do próprio conceito evidenciado pelo sujeito, do seu próprio conhecimento sobre tal construção. Não se trata de um amadurecimento, nem destreza e competência, mas realça as feições da sabedoria.

Para Ferreiro (1985), a compreensão da natureza da escrita e sua evolução partem de aspectos fundamentais, que adentram a psicogenética, que partem do ponto de vista construtivo para uma evolução como: distinção entre o modo de representação icônico e não icônico, a construção de formas de diferenciação sobre os eixos qualitativos e quantitativos e a fonetização da escrita que vai do período silábico até o alfabético.

Segundo Ferreiro (1985), no primeiro nível Pré-silábico, as escritas surgem através de desenhos, rabiscos e letras, utilizando-as eventualmente, tendo como hipótese a função social da escrita na qual diferencia de desenhos, como também a quantidade de letras de cada representação está relacionada ao tamanho do objeto.

A autora continua mostrando que no segundo nível, o Silábico, o desenvolvimento da noção de relação entre fala e escrita e os aspectos gráficos e sonoros das palavras se apresentam através de letras para representar as palavras ou frases tendo enfoque qualitativo e quantitativo.

O terceiro nível, segundo Ferreiro (1985), o período Silábico Alfabético, a criança percebe a necessidade de considerar a sílaba não só como uma unidade, mas como algo que vá mais além. Surge nesse nível, o conflito entre as formas gráficas e a leitura dessas formas: a identidade de som não garante a identidade de letras, nem vice-versa.

No quarto nível, para Ferreiro (1985), o Alfabético, a criança já é capaz de identificar o código, ou seja, compreende que cada caractere corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, ou seja, faz relações sonoras das palavras.

Dando continuidade ao processo que vai do período silábico até o alfabético, segue um caminho no qual a escrita quase alfabética se inicia quando a criança começa a escrever

alfabeticamente algumas sílabas, percebendo a quantidade de letras durante a evolução. Nessa perspectiva de construção,

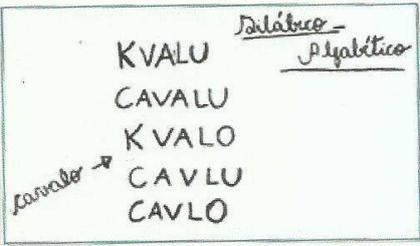
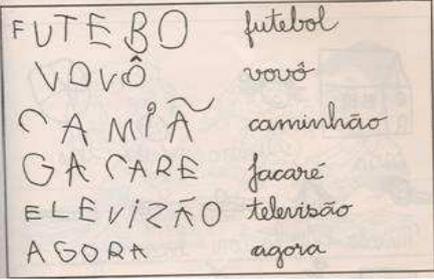
Quando a criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como unidade, mas que ela é, por sua vez, reanalisável em elementos menores, ingressa no último passo da compreensão do sistema socialmente estabelecido. E, a partir daí, descobre novos problemas: pelo lado quantitativo, se não basta uma letra por sílaba, também não pode estabelecer nenhuma regularidade duplicando a quantidade de letras por sílaba (já que há sílabas que se escrevem com uma, duas, três ou mais letras); pelo lado qualitativo, enfrentará os problemas ortográficos (a identidade de som não garante a identidade de letras, nem a identidade de letras a de som). (FERREIRO, 1985, p. 13-14).

Dessa maneira, Ferreiro retrata como o aprendiz se absorve dos conceitos e do talento de ler e escrever, revelando que a aquisição desses segmentos linguísticos adentra um percurso parecido com aquele que o estudante segue até chegar ao sistema alfabético.

O sujeito, na fase pré-silábica até alfabetizar-se, rejeita que a palavra escrita representa a palavra oralizada, e ignora como essa representação se concretiza. Ele precisamente, conclui de forma questionável o que a escrita transparece e a forma de elaboração dessa representação. Vejamos os níveis de aprendizagem no quadro apresentado abaixo:

Quadro 2 - Níveis de escrita segundo Emília Ferreiro

<p>Nível – Pré-silábico</p>	<p>Neste nível a criança inicia as primeiras escritas através de aspectos gráficos como linhas, ondas e rabiscos. Segue hipóteses de diferenciação entre desenhar e escrever utilizando critério qualitativo. Para escrever o nome de um objeto grande são necessárias várias letras e de um objeto pequeno, poucas letras, usam critério de quantidade. Exemplos:</p> <div data-bbox="794 1512 1193 1787" style="text-align: center;"> </div> <p>Fonte: http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/emilia-ferreiro-ana-teberosky-e-a-genese-da-lingua-escrita:</p>
-----------------------------	---

<p>Nível – Silábico</p>	<p>Neste nível a hipótese central consiste no estabelecimento das propriedades que um texto deve conter para ter significação. Cada letra vale como parte de um todo, ou seja, uma letra para cada sílaba. A quantidade de grafias, nunca menor que três, para que um texto diga algo; para que se possa ler tem que ter uma variedade de grafias. A criança descobre que as letras podem corresponder a outras partes da palavra, as sílabas. As letras começam a adquirir valor sonoro. Exemplos:</p>  <p>Fonte: http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/emilia-ferreiro-ana-teberosky-e-a-genese-da-lingua-escrita</p>
<p>Nível – Silábico Alfabético</p>	<p>Neste nível a um valor sonoro para cada uma das letras que representam a escrita, cada letra vale por uma sílaba. A criança trabalha com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala. Exemplos:</p>  <p>Fonte: http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/emilia-ferreiro-ana-teberosky-e-a-genese-da-lingua-escrita</p>
<p>Nível – Alfabético</p>	<p>O domínio de relação entre a grafia, o som e a sílaba. A relação sonora das palavras, a dificuldade de coordenar as hipóteses silábicas elaboradas no percurso dessa evolução. O código já é compreendido e cada caractere corresponde a valores sonoros menores que a sílaba, analisando cada som ao realizar a escrita. Exemplos:</p>  <p>Fonte: http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/emilia-ferreiro-ana-teberosky-e-a-genese-da-lingua-escrita</p>

Fonte: Ferreiro (1985, p. 181-214).

O processo de construção assim apresentado, acontece de forma gradativa, em que o sujeito vai formulando hipóteses e interpretações até alcançar a complexidade da escrita.

Partindo desse conhecimento, o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem estão associados ao indivíduo decorrente da interação sociocultural que o caracteriza. Vários são os métodos de enfoque nos estudos dos sistemas de alfabetização, e o processo de aprendizagem

de ler e escrever é uma estrada na qual o sujeito segue para conhecer as características, valores e funções da leitura e da escrita, desde que a intencionalidade do sujeito seja a absorção de conhecimentos.

Ferreiro e Teberosky (1985) alertam que a leitura e a escrita têm sido tratadas por questões de métodos, e a procura por um método melhor e mais eficaz é preocupante. Além disso, certas discussões acerca de melhorias estabeleceram ênfase a muitos debates, fazendo referências tanto a aspectos metodológicos como a processos psicológicos. A concepção psicológica também se associa ao processo de aprendizagem, uma porta entre respostas sonoras e estímulos gráficos.

Por este viés é que a psicolinguística retoma do indivíduo singularidades que provocam estímulo a certas construções e significações que o próprio eu absorve e envolve através de sua capacidade natural de conhecer e adquirir conhecimento, uma corrente de criatividade meramente intuitiva fazendo com que criem seus próprios caminhos de possibilidades para o processo comunicativo. Assim,

A criança procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala a sua volta, e que tratando de compreendê-la formula hipóteses, busca regularidades, coloca suas antecipações e cria sua própria gramática. [...] reconstrói por si mesma a linguagem, tomando seletivamente a informação que lhe prevê o meio. (FERREIRO & TEBEROSKY, 1985, p. 22).

Devemos compreender a linguagem como um articulador do desenvolvimento cognitivo, pois promove perspectivas no indivíduo que agrega toda a sua capacidade de criação, superando todas as suas necessidades. Para Ferreiro (1993), o processo de aquisição da escrita no sistema alfabético tem sido considerado apenas como um processo de transcrição do som para a grafia, um modelo meramente tradicional associacionista. E os processos psicológicos eram tratados apenas como mera índole periférica. Mas essa visão tem sido reconsiderada, tendo em vista que o indivíduo propõe fatores para processos de leitura com antecipação significativa e conhecimento linguístico. A escrita assim atinge um novo significado sendo também valorizado o seu processo como um sistema de representação da linguagem e não apenas como códigos transcritos.

As orientações de Ferreiro e Teberosky (1985) estão em consonância com a proposta de Freire (2006) e Freire (1979), que apresentaremos a seguir.

4.2 O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PARA FREIRE

No contexto entre linguagem e realidade, como dito antes, a alfabetização parte da ideia do próprio conhecimento do educando, ele conhece o contexto e, através desse conhecimento, cria possibilidades para novas descobertas, tornando-se um ser crítico e criativo.

Essa é a abordagem como proposta de alfabetização para Freire (2006), algo ligado à cultura, que faz parte da realidade do sujeito, tornando-o participante, levando em conta seu conhecimento prévio, incentivando-o a ser criador no processo de escrita. Uma alfabetização pela conscientização que parte de princípios norteadores que percorrem um caminho para se chegar à aprendizagem, uma proposta ligada à vida do trabalhador e não a meros signos gráficos.

Nesse sentido, para Freire (1979), a primeira fase é conhecer o universo vocabular em que o sujeito está inserido. O coordenador deve conhecer palavras e contextos que façam parte do cotidiano e da extensão das experiências do sujeito, despertando o interesse.

A segunda fase, para o autor, a seleção de palavras dentro do universo vocabular, devendo se obter critérios para a escolha como: riqueza silábica, dificuldades fonéticas e palavras com conteúdos que envolvam fatos sociais, culturais e políticos etc., levando em consideração critérios semânticos e sintáticos, que despertem o maior número de reações possíveis naqueles que tiverem contato.

Na terceira fase, devem-se criar situações típicas existenciais, estímulos, ou seja, situações complicadas, para que sejam codificadas pelos participantes, criando um debate, fazendo com que os mesmos se conscientizem para alfabetizarem-se, devem-se criar palavras geradoras, palavras essas que envolvam situações que englobem dificuldades locais e regionais e abram debates, podendo ser formadas apenas de um elemento ou de ocorrências complexas.

Segundo Freire (1979), na quarta e quinta fase, os coordenadores devem elaborar fichas que os ajudem nas discussões em seus exercícios e nas escolhas das palavras geradoras.

Vejamos essa sequência de fases metodológicas apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 3 - Fases de aplicação da proposta para Freire

Primeira fase (a descoberta do universo vocabular)	Palavras carregadas de sentidos existenciais, as expressões típicas do povo: a) formas de falar particulares; b) palavras ligadas à experiência do grupo; c) conteúdo de linguagem popular que revelam ansiedade, frustração, esperança, força etc.
Segunda fase (seleção de palavras, dentro do universo vocabular)	Segue critérios como: a) riqueza silábica; b) dificuldades fonéticas. As palavras escolhidas devem responder às dificuldades fonéticas da língua e colocar-se na ordem de dificuldade crescente; c) conteúdo prático da palavra, o que implica procurar o maior compromisso possível da palavra numa realidade de fato, social, cultural, política.
Terceira fase (criação de situações existenciais típicas do grupo com o qual se trabalha)	São apresentados ao grupo desafios conduzindo-os a “conscientizar-se” para alfabetizar-se. Situam-se as palavras geradoras, ordenadas conforme o grau de suas dificuldades fonéticas.
Quarta fase	Elaboração de fichas indicadoras que ajudam os coordenadores do debate em seu trabalho. Tais fichas deverão simplesmente ajudar os coordenadores, não serão uma prescrição rígida e imperativa.
Quinta fase	Consiste na elaboração de fichas nas quais aparecem as famílias fonéticas correspondentes às palavras geradoras.

Fonte: Freire (1979, p. 22-24).

Terminando todas as fases de construção e aplicação da proposta, inicia-se o ativo exercício da alfabetização. Análises e discussões são apresentadas e debatidas, seguindo o processo de decodificação. A palavra geradora é apresentada, designando ligação semântica entre ela e o objeto a que está relacionada. Então, isola-se a palavra sem o objeto proporcional e revela ao aluno. Em seguida, separa as palavras em sílabas, sendo elas para o analfabeto apenas partes das famílias silábicas. A identificação das vogais é revelada logo em seguida, descansando sobre combinações fonéticas. O sujeito aceita esse mecanismo de maneira crítica e não pela memorização.

A palavra geradora é identificada, mediante a situação apresentada, tendo como exemplo, uma discussão que envolve a palavra *panela*, estabelecendo relação semântica entre ela e o objeto correspondente. Inicia-se o reconhecimento fonético entre consoante e vogal de cada parte.

Vejamos: *pa-ne-la*, seguindo o estudo da sílaba.

pa, pe, pi, po, pu
na, ne, ni, no, nu
la ,le, li, ,lo ,lu,

Constitui no segmento acima, uma leitura das partes tanto horizontal, como vertical e estabelecendo sinais gráficos. Essa aprendizagem faz com que os sujeitos criem palavras com as combinações fonéticas possíveis, como: *pano, pele, lupa etc.* Todo esse aprendizado está dentro de cada sujeito, basta um despertar para que se amplie todo o conhecimento que está presente ali, em seu universo cultural.

Nos exercícios da leitura para a escrita, os discursos abrem leques de possibilidades, as palavras com significados são chamadas de palavras de pensamento e, as sem significação, de palavras mortas. Cada significado, ou seja, cada palavra de pensamento deve ser estudada mediante o círculo de cultura existente no momento da realidade presente, pois é através da conscientização que o sujeito se alfabetiza. Esse método de alfabetização apresentado por Freire (1979) possibilita ao homem criar possibilidade e condição para abranger um caminho de diversas opções, tornando-o crítico e ativo.

Assim, a aprendizagem é adquirida cotidianamente através de vários saberes e essas experiências são frutos de um abrangente processo cognitivo adquirido processualmente. A criança como também o adulto tem contato direto com a escrita em suas diversas formas e conceptualização, pois tal objeto está presente cotidianamente em seu habitat social.

Nessa perspectiva, Freire (1996) retrata que a alfabetização deve estar voltada para a escolarização, tanto quanto a formação da consciência, contemplando o ato de pensar, um sinônimo de reflexão e criticidade. A EJA, para o autor, mediante o processo educacional em seu contexto de produção, deve seguir tal caminho durante o aprendizado, elencando como estratégia o sujeito como o alfabetizando em processo, não o objeto de alfabetização, e que todo material didático seja produzido em cima do sujeito que aprende. De fato, nessa concepção:

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador. (FREIRE, 1979, p. 52).

Como se vê, todo aprendizado ajuda o educando a refletir sobre o assunto proposto, e não apenas decodificá-lo através de repetição e palavras isoladas. As experiências do sujeito

são um caminho para a ação em decorrência do aprendizado. Portanto, a aprendizagem em processo expõe conteúdos significativos que envolvem todo um sistema de formação de conhecimento em que o sujeito está envolvido.

Na sequência, discorreremos sobre a importância da aprendizagem da escrita para a vida do homem.

4.3 A CONCEPÇÃO DA ESCRITA PARA ADULTOS

Como visto, o sujeito é precedido de conhecimento que se engaja mediante o aprendizado adquirido em seu meio através das cores, dos objetos, da vida, do convívio familiar, das crenças, dos costumes, da linguagem, um contexto amplo de domínio mundano que abarca toda sua existência. A importância da leitura e da escrita se liga a correntes como essa, feixes conectados e práticas vividas cotidianamente.

Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade[...] a aprendizagem da leitura e alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. (FREIRE, 2006, p. 8).

Nesse contexto, alfabetizar-se é compreender tudo que nos rodeia. A leitura e a escrita expandem o conhecimento e expõem o sujeito a uma vasta aprendizagem que vai além de mera decodificação, tornando-o crítico, consciente e ativo na sociedade. O processo de alfabetização se agrega ao sujeito através de sua criatividade e sua responsabilidade na construção da linguagem, a aprendizagem envolve o conhecimento daquilo que está a sua volta, fazendo-o refletir sobre o objeto estudado.

Freire (2006, p. 20) explica que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela”. O conhecimento não é estático, é dinâmico, ativo, criativo e carregado de significação. O processo de alfabetização cria possibilidades, através da oralidade para a concretização da escrita, pois o conhecimento de mundo dá ao indivíduo aparato para realizar tal tarefa. Para Freire (2005), alfabetizar é adquirir conhecimento ao escrever a própria vida, como agente e como indício de sua própria história, isto é, descrever-se e realizar-se.

No campo da educação, a alfabetização oferece ao indivíduo mudança na qualidade de vida e ajuda na construção de um cidadão crítico e independente para efetuar transformações mais amplas. Assim,

Alfabetizar é conscientizar. Um mínimo de palavras, com a máxima polivalência fonética é o ponto de partida para a conquista do universo vocabular. Essas palavras, oriundas do próprio universo vocabular do alfabetizando, uma vez transfigurada pela crítica, a ele retornam em ação transformadora do mundo. (FREIRE, 2005, p. 9).

Sob esse ângulo, a representação gráfica se dá pelo processo através de associações fonéticas, no qual o alfabetizando tem consciência da cultura de sua língua de que faz parte, recriando com aspecto desafiador suas palavras e também seu mundo. Freire (2005, p. 11) ressalta que “o que o homem fala e escreve e como fala e escreve, tudo é expressão objetiva de seu espírito.” O sujeito cria e recria seu pensamento, gerando um vocabulário escrito simples e insinuante, no qual se insere todo um histórico cultural em que se adentra a escrita.

Sem dúvida, o homem expõe o seu papel, ressaltando sua natureza humanizadora, através de uma concepção de escrita, na qual retrata sua existência. Essa concepção de leitura e escrita que se insere na proposta de Freire, abrange a alfabetização como um ato de conhecimento e liberdade de inserção através de um contexto em que a escrita emerge todo um comportamento que está formulado no pensamento do falante.

Quando falamos em construção e reconstrução de pensamento através da escrita, associamos à criação. Criação essa que faz com que o sujeito tenha liberdade de buscar e reproduzir pela força de seu conhecimento essa concepção de escrita, gerando assim um sujeito criador.

Em conjectura com perspectivas teóricas sobre a aquisição da escrita, consolidando com o pensamento de Freire, Ferreiro (1986 *apud* GOLBERT, 1988, p. 13) apresenta o sujeito como ser criador “o sujeito aprende a sua língua quando compreende ativamente a natureza da mesma, e assim cria a sua própria gramática”, um sujeito com o poder de reescrever palavras de seu meio, para na chance propicia conhecer e controlar na oportunidade devida.

Freire (1979) nos apresenta o conhecimento como forma de liberdade através da educação, reflete o homem como ser consciente capaz de mover-se criticamente mediante a sua realidade. Quanto mais conscientização, mais liberdade, mais conhecimento. Sujeito que constrói e reconstrói o mundo. Um ser histórico. A educação nessa visão torna-se um

contínuo, a cada conscientização um novo conhecimento, a cada processo um novo desenrolar de aprendizagem, a relação do objeto conhecedor a sua própria experiência.

Em todas as fases da descodificação, os homens revelam sua visão do mundo. [...] Procurar o tema gerador é procurar o pensamento do homem sobre a realidade e a sua ação sobre esta realidade que está em sua práxis. Na medida em que os homens tornam uma atitude ativa na exploração de suas temáticas, nessa medida sua consciência crítica da realidade se aprofunda e anuncia estas temáticas da realidade. (FREIRE, 1979, p. 18).

Assim, nesse processo de educação, despertar o tema sobre realidade e ação é induzir o sujeito a rever suas temáticas, fazendo com que apresente junto ao tema sua visão de mundo, tornando-o participante desse conhecimento como ser crítico e ativo. O sujeito é um ser que produz e transforma cultura, um ser que participa do meio e que o transforma. O sujeito tem acesso à linguagem, mas também necessita agir em seu modo de pensar e refletir sobre a língua e as suas variadas funções de uso.

5 METODOLOGIA

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa se caracteriza por ser etnográfica. Segundo Godoy (1995), na pesquisa etnográfica, o pesquisador deve ter uma experiência direta e intensa com a situação em estudo, ou seja, a relação do pesquisador com a pesquisa em si abrange o seu objetivo de aprendizagem, o conhecimento e a coleta de dados.

Fundamentando o estudo de maneira lógica e sistemática, a pesquisa abrange espaços complexos de aprendizagem que, segundo Prodanov e Freitas (2013), é um procedimento através do qual se caminha para alcançar determinado fim; é um conjunto de estratégias adotadas com o propósito de atingir o conhecimento, cujos métodos fornecem bases lógicas de investigação.

A pesquisa segue uma abordagem de natureza qualitativa, pois os dados foram assimilados e explanados, processo pelo qual o pesquisador relaciona o mundo real e o sujeito. Segundo Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa qualitativa é descritiva, na qual a indução é o caminho seguido pelo pesquisador, o processo e seu significado são focos de abordagem.

A pesquisa teve início somente após a aprovação² do projeto no Comitê de Ética (CEP), Parecer N° 2.012.793. Foi realizada uma visita aos participantes que, após explicarmos os objetivos, aceitaram contribuir conosco. Na sequência, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que não colocamos nos apêndices, considerando que, se foi aprovado pelo Comitê de Ética, a existência de TCLE é certa.

5.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

A investigação teve a contribuição de sujeitos sociais como participantes correspondentes, selecionados pela condição de nunca terem ido à escola e saberem escrever, mesmo que de forma preliminar. Tais sujeitos se identificam como indivíduos não escolarizados, ou seja, não tiveram contato com o processo de alfabetização e escolarização regular.

² Ver APÊNDICE B

Os participantes da pesquisa receberam nomes fictícios, a fim de preservarmos suas identidades. Foram cinco os colaboradores da pesquisa: Dora, Maria, José, Manuel e Joana. Sendo três do sexo feminino e dois do sexo masculino, todos com estado civil de casados. Possuem uma média de idade entre 56 anos e 87 anos.

De acordo com os dados socioeconômicos, Dora, Joana, Emanuel e José são moradores pertencentes à zona urbana e Maria se localiza na Zona rural, todos moradores do estado da Paraíba e residentes nas cidades de: Cajazeiras (Dora), Bonito de Santa fé (Maria), Conceição (José), Campina Grande (Manuel) e Gurjão (Joana).

Em relação à profissão dos colaboradores, Maria e José já estão aposentados, Dora e Joana não possuem renda própria e Manuel atua como pedreiro na cidade em que reside. A renda entre os participantes varia de até um salário mínimo atual que tem o valor de R\$ 937,00 reais.

Quadro 4 – Síntese da caracterização dos sujeitos colaboradores da pesquisa

Colaboradores da pesquisa							
Nome	Sexo	Estado civil	Idade	Lugar de moradia	Profissão	Renda individual	Escolaridade
Dora	Feminino	Casada	57 anos	Cajazeiras/ PB	Do lar	Nenhuma	Não frequentou escola
Maria	Feminino	Casada	65 anos	Bonito de Santa Fé/PB	Do lar	R\$ 937.00/m	Não frequentou escola
José	Masculino	Casado	87 anos	Conceição/PB	Aposentado	R\$ 937.00/m	Não frequentou escola
Manuel	Masculino	Casado	61 anos	Campina Grande/PB	Pedreiro	R\$ 700,00/m	Não frequentou escola
Joana	Feminino	Casada	65 anos	Gurjão /PB	Do lar	Nenhuma	Não frequentou escola

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

O quadro acima caracteriza os sujeitos colaboradores da pesquisa com: Nome, sexo, estado civil, idade, cidade em que reside atualmente, profissão, renda básica e escolaridade.

5.3 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

O instrumento utilizado para coleta de informações foi um questionário produzido de questões fechadas e abertas. A primeira parte contém perguntas fechadas, sendo estas: os dados de identificação dos sujeitos constituídos de nome, endereço, sexo, cor e estado civil. A segunda parte pede informações pessoais em relação à aquisição da escrita.

O questionário foi realizado com os colaboradores da pesquisa no mês de junho de 2017. Cada um em dias diferentes. Os sujeitos responderam o questionário de forma oral, com as respostas anotadas pela pesquisadora, porém, os de Dora, Maria e José, além das anotações foram gravados também em forma de áudio, depois transcritas. Essas diferentes modalidades tentaram atender ao conforto dos colaboradores.

5.3.1 Levantamento e seleção do *corpus*

O processo, a compreensão dos eventos e seus significados são focos de abordagem. Assim, do universo de 09 textos escritos, foram selecionados como *corpus* 07 textos, escritos de livre e espontânea vontade. Os critérios de seleção foram as temáticas presentes nos textos como: a religiosidade, a família, o depoimento e a necessidade de escrita.

Transcritos a próprios punhos pelos sujeitos, através de encontros informais, alguns foram elaborados na frente da pesquisadora, outros já elaborados foram cedidos pelos colaboradores. O contato com os sujeitos se iniciaram com o convite para participar da pesquisa, a assinatura do TCLE, a aplicação do questionário, até a produção escrita dos textos que constituiriam o universo da pesquisa.

A cada sujeito foi comunicado e solicitado o pedido de participação, pessoalmente, ou com a ajuda de outras pessoas, tudo foi explicado para que compreendessem como seria e o que seria analisado dentro do contexto escrito e do questionamento realizado.

A abordagem a esses colaboradores foi de maneira natural, em datas variadas, todos aceitaram com interesse fazerem parte da pesquisa, ou seja, não houve resistência. Durante o levantamento do *corpus*, alguns se desculparam pelo motivo de a escrita não ser muito boa, reconhecendo sua limitação em relação à convenção da escrita da língua portuguesa. Em certas ocasiões, alguns explicaram que, para escrever, tinham que se concentrar naquilo que queriam passar para que o texto desse certo, ou seja, para que o texto tivesse sentido.

No contexto geral da finalização da escrita, estavam preocupados com a forma, sempre questionando a coesão do texto. Essa preocupação foi tranquilizada pela pesquisadora, seguida sempre de orientação e que tais questionamentos faziam parte da pesquisa em andamento. Tivemos a oportunidade de realizar com alguns participantes mais de um encontro, os quais foram de extrema utilidade para o levantamento dos *corpora*.

Os recursos utilizados para o levantamento dos *corpora* foram apenas caderno e caneta, para as anotações de informações relacionadas à entrevista e aos textos escritos. Durante os encontros, foram feitas as perguntas, com consentimento deles. Escreveram os seus textos no momento de encontro. Disseram que eram mensagens para o coração, pensamentos, citações de versículos da bíblia, e que fossem tomados como ensinamento de vida.

5.3.2 Critérios de análise

Ao interagir com o contexto em análise para estudos dos dados da produção escrita, surgiram as perspectivas e ideias que orientaram a elaborar e definir os seguintes critérios de análise:

- 1 - Qual o método de alfabetização utilizado para a escrita dos textos?
- 2 - Qual o nível/fase de alfabetização dos sujeitos colaboradores que os textos indicam?

5.3.3 Categoria de análise

A averiguação minuciosa da pesquisa e as descobertas que formularam o processo de análise foram ferramentas importantes para alcançarmos resultados satisfatórios no que buscávamos estudar. Assim, esse processo possibilitou o surgimento e a definição de algumas categorias de análises que serviram como aparato para estudo de dados referentes tanto à produção escrita dos sujeitos como também ao processo de alfabetização em que tal produção está inserida. Essas categorias ficaram assim definidas:

- 1 - Método sintético e Método analítico de alfabetização;
- 2 - Níveis de alfabetização: nível pré-silábico; nível silábico; nível silábico alfabético; nível alfabético.

6 ANÁLISES DOS TEXTOS

Este capítulo intenta atingir o terceiro objetivo específico, que é descrever aspectos do processo de aquisição da escrita presentes em textos de adultos, seguindo os seguintes critérios: o método de alfabetização em que o sujeito está inserido, levando em consideração todo o processo de aprendizagem construído; Níveis de alfabetização: nível pré-silábico; nível silábico; nível silábico alfabético; nível alfabético.

6.1 O MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO

Atendendo ao primeiro critério *Qual o método de alfabetização utilizado para a escrita dos textos?* esta parte da análise intenta responder a questão proposta, mesmo sem o acompanhamento do processo inicial da grafia realizada pelo sujeito, mas por meio da observação direta da escrita dos textos pelos colaboradores da pesquisa e da conversa com esses mesmos.

Ao questionarmos Dora sobre *Como aprendeu a escrever?* ela afirmou que ouvia através de outras pessoas a leitura que ela chamava de *livrinhos de anedotas* (a literatura de cordel). Dora cita as histórias de Cordel de *João acaba-Mundo*, como referência na sua época de aprendizagem. Ela diz “*eu sabia ler mais não conhecia todas as letras*”. Começam os desafios enfrentados pelos sujeitos desejosos de praticar sua própria alfabetização.

Continuamos perguntando: *Qual a idade que tinha quando aprendeu a escrever?* ela responde que com vinte anos. Esta é uma idade em que o processo de tomada de consciência das facilidades que a alfabetização nos possibilita, uma vez que é um tempo, para especialmente os mais necessitados financeiramente, em que se precisa dar conta de sua própria vida.

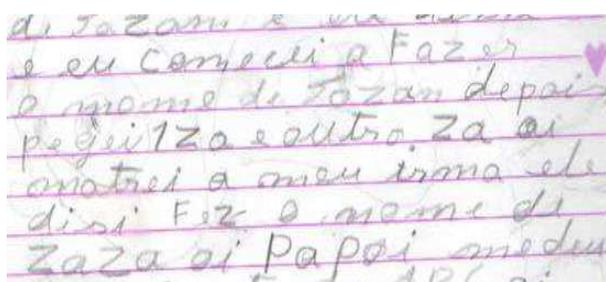
À pergunta *O que a levou a querer escrever?* ela responde que foi o desejo de escrever cartas para a mãe que morava em outra cidade. Disse que não queria mais ditar para que outra pessoa escrevesse e sim ela mesma queria escrever. E foi com esse desejo que ela pediu a uma amiga para ensiná-la a construir palavras até então desconhecidas, e assim se construiu o aprendizado.

Percebemos que Dora significa social e culturalmente sua realidade. Parte do que tem significância para sua vida para chegar à representação dessa realidade por meio da técnica de escrever essa realidade. Entra neste contexto o que lhe é muito claro, sua intimidade com a

família. É esse sentir que ela almeja registrar, assim como propõe Emília Ferreiro (1985), quando indica que o sujeito se baseia naquilo que quer escrever, formula a ideia como um todo e constrói, buscando cognitivamente o que poderia ser escrito, partindo de um todo para as partes de construção.

Entendemos que essa ideia de Ferreiro (1995) dialoga com a proposta de alfabetização de Freire (1979) quando diz que, a partir da ideia do próprio conhecimento do educando, é que vão surgindo as novas possibilidades de descobertas. Veja que, ao perguntarmos *Você acha se tivesse ido à escola, sua vida seria melhor? Porquê?* ela afirmou que, por falta de estudo, perdeu muitas oportunidades de empregos como: balconista, comerciante e conclui dizendo “*por causa do estudo perdi de ser rica, porque quem não sabe ler é cego*”.

Quando perguntamos a Maria *Qual a idade que ela aprendeu a escrever?* ela informou que aos nove anos de idade. Maria começou mais cedo do que Dora, mas também por uma necessidade que despertou o querer. Para a pergunta *Como aprendeu a escrever?* Maria afirmou que foi copiando as palavras de uma revista que o irmão dela lia com o tema de Tarzan, daí surgiu o seu interesse pela leitura e escrita. Como era ainda criança, foi natural o desejo ser despertado pela figura de um herói. Através das sílabas da palavra Tarzan, palavra previamente significada na vida de Maria, ela começou a montar outras palavras. E, assim como a Dora, o processo de aprendizagem da escrita por Maria seguiu o método analítico proposto por Ferreiro (1985). Vejamos o fragmento do texto escrito por Maria.



de Tarzan e eu comecei a fazer
o nome de Zaza depois
peguei 1 Za e outro Za e
mostrei a meu irmão ele
disse fiz o nome de
Zaza aí Papai me deu

[...] eu comecei a fazer o nome de Tarzan, depois peguei um Za e outro Za, aí mostrei a meu irmão e ele disse fez o nome de Zaza [...].

Maria, interessada em registrar a palavra Tarzan, quem ela já nomeava, sentiu mais facilidade e, a partir de uma sílaba da palavra, com ajuda de um mediador, ela foi registrando outras como Zaza. Podemos afirmar que esse método coincide com a proposta de Freire (1979) em consonância com a segunda fase, a dos níveis de aplicação de alfabetização. Embora não estivesse num estudo institucionalizado, Maria teve a ajuda de uma pessoa mais experiente que foi o irmão. Ocorreu nesse fato uma preferência pela palavra, que estava

presente no universo vocabular do sujeito, ou seja, palavra que ela já tinha conhecimento, uma palavra relacionada à sua realidade e que a levou a construir novos vocábulos.

Dando continuidade aos questionamentos, perguntamos a Maria, ***O que a levou a querer escrever? Alguém ajudou?*** ela afirmou que “foi a vontade de aprender a ler os nomes” e que, além dos irmãos, o pai também ajudou. Em seguida perguntamos ***Você acha que se tivesse ido à escola sua vida seria melhor? Por quê?*** e Maria respondeu que sim, porque o que realmente queria era “aprender...aprender ...aprender”.

Ao questionarmos José sobre ***Como ele aprendeu a escrever?*** ele responde que, quando criança, a mãe contratou um professor para ensiná-lo em casa, mas esse professor era muito desinteressado, e José só aprendeu a assinar o nome. Então, questionamos sobre a aprendizagem para realização dos textos que ele nos forneceu como *corpus*, ele disse que a mãe o ajudou a praticar a escrita e a reconhecer as letras. E pelo seu próprio conhecimento, ele tentou produzir palavras e depois textos, chegando ao conhecimento que tem hoje.

Assim, como aconteceu com Dora e Maria, José também começou a escrever movido pelo desejo e pelo conhecimento do universo vocabular. Esse acontecimento também está em consonância com o método analítico de alfabetização de Emília Ferreiro (1985) e com a proposta de Freire (1979) que afirma que o sujeito é o próprio autor de sua aprendizagem.

À pergunta ***Qual a idade tinha quando aprendeu a escrever?*** José responde que começou com mais ou menos dez anos de idade. Idade próxima a de Maria que se justifica também pelo cuidado tido pela mãe, para que ele tivesse a oportunidade de adquirir esse valor. Ao perguntarmos: ***Você acha que se tivesse ido à escola sua vida seria melhor? Por quê?*** ele afirmou que sim, dizendo “*porque hoje tinha vez pra resolve alguma coisa, possui emprego, também pensando em viajar, quem sabe lê, não se aperreia.*” José termina dizendo que “*uma pessoa analfabeto de tudo é feio e hoje pior, naquele tempo já era feio, e já hoje não existe mais, analfabeto hoje não tem valor pra nada, pobre já não tem valor!*” Vemos aqui o receio de ser considerado feio e sem valor, estigma socialmente construído.

A história de Manuel parece aparentemente diferente, mas o que o motiva é também o desejo e a necessidade que lhe dá a certeza de conseguir o que deseja. Quando perguntamos a Manuel ***Como aprendeu a escrever?*** ele responde que, foi por ser da religião evangélica e ter uma fé extrema. Manuel relata que seu aprendizado ocorreu através de orações e que, para realizar esse desejo, dormia com a Bíblia entre os travesseiros. Aprofundando a conversa, percebemos que seu aprendizado se deu pelo acompanhamento da leitura através de textos, aprendendo as sílabas para formar palavras. O seu conhecimento se deu de forma processual e que o poder de raciocínio formulou esse conhecimento. Essa absorção deriva de uma

aprendizagem de aparato cognitivo como nos demais, em que durante o processo de construção da escrita, o sujeito age através da formulação de hipóteses.

Nesse sentido, podemos perceber o método analítico de Emília Ferreiro (1985), na escrita do sujeito: *“Apocalipies 22 v e 12 es que sedu venho i u meu garladão esta comigo para da a cada um segundo as suas obra”*. Ao escrever esse texto, o sujeito construiu cognitivamente o contexto até a sua realização, repetindo cada palavra escrita para a construção da ideia central.

Para a pergunta ***Qual a idade tinha quando aprendeu a escrever?*** ele afirma que tinha vinte e oito anos, idade bem distante da dos demais, mas sugerindo a possibilidade de um nível de consciência mais alto, uma vez mais experiente e, certamente, de ter passado por mais obstáculos por não saber ler e escrever. À pergunta ***O que o levou a querer escrever? Alguém o ajudou?*** ele responde que foi a vontade de ler a Bíblia e que só teve a ajuda de Deus. Perguntamos, ***Você acha que se estivesse ido à escola sua vida seria melhor? Por quê?*** ele respondeu *“não, porque emprego não é pra todo mundo, nem com leitura, nem sem leitura, sempre tem alguém sobrando”*. A necessidade de aprender a escrita para Manuel foi justificada, portanto, por querer resolver suas atividades sociais diárias mais comuns.

Joana, assim como Manuel, também da religião evangélica, diz que aprendeu a escrever ouvindo a leitura da Bíblia, reconhecendo as palavras e as letras. Então perguntamos: ***Qual a idade que tinha quando aprendeu a escrever?*** ela disse mais ou menos quarenta anos de idade, outra idade que destoa das demais. Joana foi a que resolveu preencher a lacuna da escrita com idade mais avançada. Quando perguntamos ***O que a levou a escrever? Alguém ajudou?*** ela disse que passou a ser feliz quando aprendeu a ler a palavra de Deus na Bíblia e a acompanhá-la, e que não teve ajuda de ninguém, aprendeu sozinha e concluiu dizendo: *“a pessoa que não sabe ler não é feliz, porque o homem é errado por natureza e aquele que não tem sabedoria, peça a Deus que ele dá, foi assim que eu consegui a minha”*.

O processo de aquisição da escrita por Joana, assim como pelos outros, se encaixa no método analítico de Ferreiro (1985), isso fica evidente mais ainda quando ela diz que para conseguir escrever, ela tem que se concentrar, pois sem essa concentração, ela não consegue construir a ideia de produção que deseja. Observamos que primeiramente está a ideia como um todo, para depois a construção de significação. Assim, nessa mesma percepção Freire (2006) diz que o sujeito tem um reconhecimento global, nesse caso aqui do texto como um todo, e depois constrói os sentidos, isso confirma poder concreto e constante de criação do sujeito.

Nos textos, cedidos pelos colaboradores, escritos no momento da entrevista, observamos que Manuel precisou de certo tempo para construir sua ideia e transcrevê-la, perguntando se poderia copiar de outro texto o que gostaria de apresentar. Isso pode partir de uma insegurança por estar sendo avaliado naquele momento. Mas, o que ele realmente gostaria de transmitir era concretizado com um versículo da Bíblia já citado acima.

Joana, na hora da produção, pediu para deixá-la se concentrar, pois sentiu dificuldade em construir a ideia por causa do barulho a sua volta e solicitou silêncio para terminar o seu texto. José, na hora da entrevista, escreveu a palavra “amor”. No decorrer da escrita, ele repetiu a palavra três vezes em voz alta, tentando se apropriar do som para construí-la. Ao escrevê-la, ele silabava “amore”, sugerindo uma relação ora com o latim “amare”, ora com o italiano “amore”, perguntando logo em seguida se estava correta.

Constatamos então, que seu conhecimento partiu do método analítico de Ferreiro (1985), em que se pensou na palavra para executá-la na escrita, se utilizando de um todo, para poder concretizá-la através do som. Maria relatou toda a dificuldade que teve durante a aprendizagem, a falta de material didático era um problema e discorre que, para aprender a escrever, foi através de revista e livros. Dora diz que a técnica da escrita com o passar do tempo foi se tornando mais fácil, uma vez que praticando, a facilidade da escrita era mais abrangente.

6.2 OS NÍVEIS DA AQUISIÇÃO DA ESCRITA PRESENTES NOS TEXTOS

Atendendo ao segundo critério *Qual o nível/fase de alfabetização dos sujeitos colaboradores que os textos indicam?* responderemos à questão a partir do registro dos textos que foram levantados. As marcas gráficas nos orientarão no sentido de identificar em que nível do processo de alfabetização os sujeitos pesquisados se encontram.

Vejamos o fragmento de texto³ a seguir escrito por Dora. Trata-se de uma receita de bolo de milho, é um texto instrucional, pois descreve passo a passo como prepara esse tipo de alimento, sua estrutura apresenta os ingredientes e o modo de preparo, para que se possa orientar para a realização do prato com êxito.

³ Texto completo no Anexo A

Receita de massa de milho

Arepa de milho
 Milho branco de fazer mungunzá
 Primeiro cozinha o milho
 Deixa no ponto de moer
 No moinho
 Depois **mói** no moinho
 Pegue a massa e amasse como
 se fosse fazer pão ou bolo de caco

receita de massa de milho
 Arepa de milho
 milho branco de fazer mungunzá
 1 Primeiro cozinha o milho
 deixa no ponto de moer
 no moinho
 depois mói no moinho
 pegue a massa e amasse como
 se fosse fazer pão ou bolo de caco

O texto expressa a capacidade criadora de um sujeito que conhece a estrutura do código escrito (grafia) e demonstra uma ampla percepção dos sons da fala. Essa expressão livre de quem se apodera da escrita para realizar tais objetivos, demonstra uma necessidade intensa de comunicação. A experiência com o código escrito é reconhecida ao mesmo tempo em que se apodera do som e cria a palavra, arriscando-se a apresentar suas ideias.

Percebendo o esforço de criação conduzido durante o texto, podemos afirmar que os significados criados pelo sujeito estão supostamente ligados ao seu contexto cultural, envolvendo o dialeto em que está exposto, considerando a partir da linguagem e do sentido que existencialmente a palavra representa para ele.

Nessa produção identificamos vários níveis evolutivos, um leque de variação que corresponde desde o nível silábico alfabético ao alfabético. A colaboradora constrói o seu texto a partir da necessidade e desejo de aprendizagem sobre culinária, descrevendo-o para não esquecer.

Com base na exposição escrita do texto apresentando e sustentando-se nos argumentos acima, de que a escrita é marcada pela necessidade de atuação cidadã do sujeito social, podemos constatar que o processo de escrita se encontra no nível alfabético.

Um exemplo da escrita no nível alfabético é evidenciado nas seguintes representações, em que o sujeito apresenta dificuldades nas mesmas grafias que correspondem a vários valores sonoros: *reseita* (receita), *bolu* (bolo), *muer* (moer), *pegui* (pegue) e escreve sem deixar espaços entre as palavras como em: *maszomeno* (mais ou menos), *sifosi* (se fosse). Mas, dentro do texto também podemos observar escritas do nível silábico alfabético. O reconhecimento é evidenciado, uma vez que observamos uma escrita marcada por partes sonoras da fala em *muim* (moinho), por exemplo.

Outro texto escrito pela mesma colaboradora é um hino de louvor e adoração a Deus criador.

Eu quero te falar do amor
de Deus. Ele veio ao mundo
para salvar o povo seu.
O nosso Jesus, ele é a luz.
Em lugar seguro ele
nos conduz.

Jesus é o pai que não
te abandona. Foi ele que
te criou e não quer ver
você sofrer. Se ele te provou
é porque te ama. Pare
deste drama e venha
a ele agradecer.

eu quero li falar do amor
de deus eli vei au mundo
pra saúva - u Povo seu
u nosu Jesus eli e a luz
Em lugar seguro eli
nos conduz.

Jesus eu pai que não
ti abandona - tai eli qui
li criou i não que quer
você sofrer si eli ti provou
é por que li ama por
deste drama i venha a
eli a agradecer

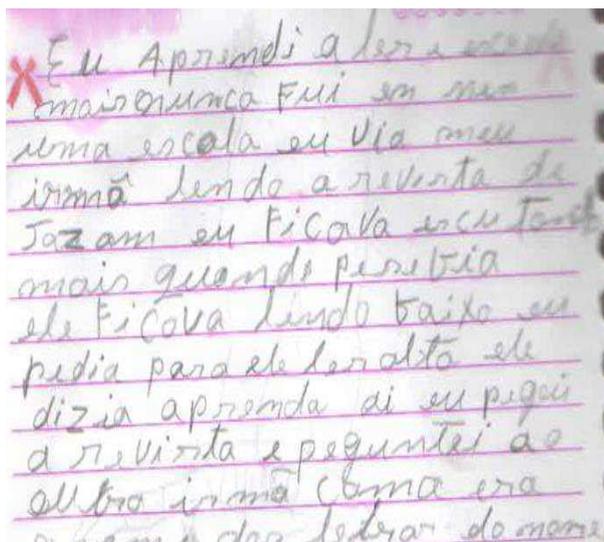
Esse texto expressa uma temática voltada para religiosidade. Nesse contexto, está presente a linguagem/pensamento que expressa pelo sujeito sua ideia de devoção. Nessa construção, o sujeito realiza a composição de uma música, completando a ideia de adoração a Deus como símbolo de salvação e de espiritualidade.

Esse texto constata que o sujeito não escolarizado é capaz de expressar através da escrita os mais sublimes pensamentos e transcrevê-los para que outros tenham acesso a tais criações, realizando assim a função social da escrita. Nessa produção, a autora, mesmo não tendo uma bagagem de leitura de texto escrito, foi capaz de criar um contexto coerente, carregado de intencionalidade, um gênero que representa um momento reflexivo para aquele que se apoderar dele, registrando com maestria seu conhecimento de mundo.

Coerentemente com o texto anterior, haja vista ser o mesmo sujeito, constatamos o processo de aquisição da escrita de todo texto no nível alfabético, concentrada na maior parte da produção escrita, a dificuldade de coordenar as hipóteses silábicas, escreve sem deixar espaços entre as palavras como: *enlugar* (em lugar), *ivenha* (e venha) e entre o domínio de grafia, som e sílaba como em: *saúva* (salvar), *condóis* (conduz), *nosu* (nosso), *au* (ao).

Isto confirma que o colaborador não tem ideia de normas ortográficas, mas não apresenta nenhuma dificuldade na composição do código alfabético, o que vai dificultar para o sujeito é a sonorização de algumas grafias, ou seja, a transcrição fonética é que atrapalha o sujeito.

Vejamos o próximo texto que foi escrito por Maria.



Eu aprendi a ler e escrever, mas nunca fui em nenhuma escola. Eu via meu irmão lendo a revista de Tarzan, eu ficava escutando mais quando percebia ele ficava lendo baixo, eu pedia para ele ler alto, ele dizia aprenda. **Aí** eu peguei a revista e perguntei ao outro irmão como era o nome das letras do nome de Tarzan.

Nesse texto, a autora começa relatando como foi que aprendeu a ler e escrever sem ter ido à escola, a temática aqui retratada é a necessidade da escrita e história de vida, ela descreve em detalhes como a alfabetização aconteceu. Durante todo o texto, podemos perceber o esforço cognitivo e a vontade própria de se apoderar de algo tão valioso e individual, a autora, mesmo com toda dificuldade vê a necessidade de tal aprendizagem. No relato, ela afirma que teve ajuda dos familiares e que essa alfabetização se deu de modo tradicional juntando sílaba por sílaba até a formação da palavra. A carta de ABC tão utilizada há um tempo é citada pela autora como utensílio de ajuda. No entanto, mesmo juntando sílaba por sílaba, ela o fazia com palavras do seu vocabulário e, portanto, palavras que lhe tinham significado, fato que foge ao método sintético de Ferreiro (1985).

Os níveis de aprendizagem presentes nesta produção caracterizam-se tanto do nível silábico alfabético quanto do alfabético defendidos por Ferreiro (1985). No que se refere ao nível silábico alfabético, temos no meio da produção escrita na qual a colaboradora reproduz em expressão numérica “1” em lugar do artigo “um” denunciando a dificuldade (confusão) que a colaboradora tem na grafia durante a produção, tendo uma ideia apenas de quantidade não sabendo diferenciar o numeral do artigo. Outro exemplo da construção silábica alfabética é quando escreve “omo” para a palavra (anos), *tin* (tinha), em que a vogal “n” representa a sílaba “nha”. Na escrita alfabética, em que se concentra o maior volume de produção escrita, temos as diferentes grafias que correspondem ao mesmo valor sonoro, como: *aprendi* (aprende), *pesebia* (percebia), *disi* (disse), *esplicou* (explicou).

Vejamos outro exemplo que nos permite observar mais dessa construção linguística que apresentamos. O texto agora é de José.

Conceição 30 de 11 2016
 Maria Clara Deus te faça
 bem feliz estou muito
 Saudade de você e
 Seu pai e de sua Mãe
 Esta chegando o Natal
 Espero mais tudo aqui
 acima seu Vovô.

Conceição 30 de 11 de 2016

Maria Clara Deus te faça
 bem feliz, estou muita

Saudade de você e
 Seu pai e sua mãe.

Está chegando o Natal.

Espero nós todos aqui.

assina seu vovô

Na produção escrita de José, o conteúdo do texto nos remete a um bilhete pela extensão, mas o conteúdo nos permite dizer que, na verdade, a intenção, era escrever uma carta. Trata-se, na verdade, de um embrião de carta. E isso é explicável, talvez, por ser de uma pessoa com um nível de escrita voltado apenas para as comunicações mais diárias e pessoais. Também podemos perceber características estruturais evidentes da linguagem informal, mensagem simples, presença de emissor e receptor, como também data e assinatura do emissor, o que remete ao autor um conhecimento de construção necessária para realizar tal ação. A temática do texto está relacionada à família, uma vez que o autor expõe o seu desejo de rever a família e cita a época do Natal, por se tratar de um momento de confraternização familiar, deseja a proteção divina e termina o texto com mais um fator característico do gênero tanto do bilhete como da carta que é a assinatura.

Essa construção mostra um adulto que vive em constante interação com uma sociedade letrada, pois apresenta uma competência linguística e um estágio de aquisição do sistema alfabético bastante satisfatório entre linguagem/pensamento para quem nunca foi à escola.

Vejamos mais um exemplo de um texto do mesmo autor que nos mostra novamente essa competência linguística.

Conceição 29 de 11 de 2016
 Edgly vou pedi para voce
 procurar tijolo de pedra
 preta daquela que
 tem na calçada
 daqui de casa
 procure o preço
 do metro
 eu quero 2 metros e 50
 para manda o dinheiro
 acima

Conceição 29 de 11 de 2016
 Edgly vou pedir para você
 procurar tijolo de pedra
 preta, daquele que
 tem na calçada
 daqui de casa.
 Procure o preço
 do metro.
 Eu quero 2 metros e 50,
 para mandar o dinheiro.
 Assina, José

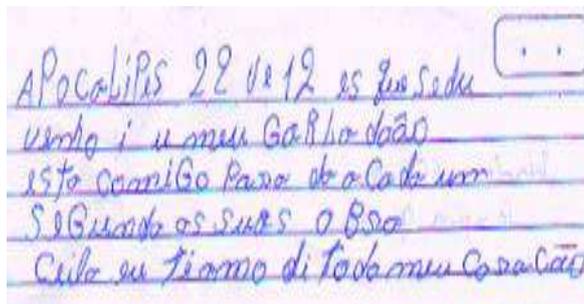
Podemos observar aqui mais uma vez, a realização gráfica do sistema alfabético expressando a linguagem/pensamento do autor como não podia deixar de ser. O texto se estrutura em um bilhete tanto pela forma como pelo conteúdo, o tema retratado é uma informação seguida de um pedido. O autor descreve o que necessita, expondo o seu desejo. O teor do conteúdo é prático, rápido, desprovido de saudosismo. No texto, podemos observar o conteúdo também expresso em números, a exemplo da data (29 de 11 de 2016) e metragem (2, 50 metros) da encomenda que o autor faz.

Ao representar suas ideias, o autor, através da escrita, tanto no primeiro texto, quanto no segundo põe em prática a necessidade de comunicação, embora no mesmo universo de discurso (familiar), isso o torna um ser ativo e reflexivo tanto retratado por Freire (2006) quanto pela proposta do método analítico de Ferreiro (1985).

O autor, ao disponibilizar o texto para as pesquisadoras, relatou que eram uma forma de poder se comunicar, já que os destinatários eram pessoas queridas e que não tinham contato há muito tempo e a escrita era uma forma de se fazer presente, por ser escrito pelo próprio punho tinha um valor sentimental mais alto.

Nessas produções encontramos características específicas tanto do nível alfabético quando do nível silábico alfabético. No nível da escrita silábico alfabético, podemos citar a palavra: *tijou* (tijolo), em que a vogal “u” representa a sílaba “lo” e no nível da escrita alfabético, em que se concentra o maior volume de produção escrita, temos: *cauçada* (calçada), *procuri* (procure), *preço* (preço), *pidi* (pedir), *felis* (feliz), *esperu* (espero), *du* (do), *acina* (assina).

Vejamos outro exemplo. O texto agora é de Manuel.



Apocalipse, 22 versículo 12. Eis que cedo venho e o meu galardão está comigo, para cada um segundo as suas obras.

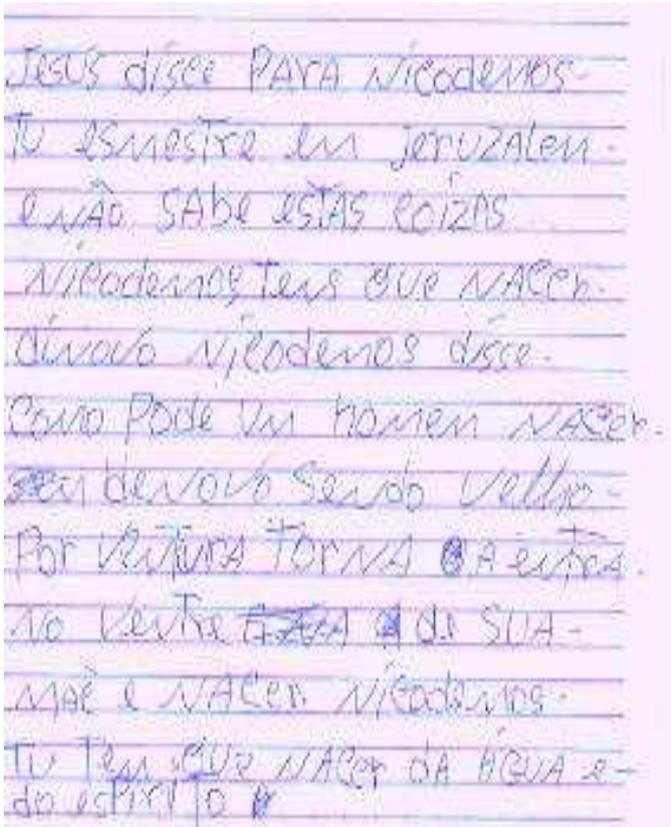
Célia eu te amo de todo meu coração.

Manuel, assim como Dora, apresenta um texto que expressa uma temática voltada para religiosidade. O sujeito descreve uma passagem Bíblica que está contida no livro de Apocalipse (22 versículo 12) do Novo Testamento. O texto fala da volta de Jesus e do julgamento dos homens segundo as suas obras. Podemos perceber que Manuel termina o texto escrevendo uma mensagem que não está contida no versículo, mas dele mesmo.

O autor, ao escrever o texto na presença da pesquisadora, repetiu as palavras diversas vezes, tentando lembrar-se da coerência e das letras sequenciais ali necessárias para concretização do seu objetivo, que era passar para a pesquisadora a palavra, como ele a chamou, de *Divina*.

Nessa construção de escrita está característico o nível de escrita alfabética, mas, em seu contexto, encontramos a palavra *ve* (versículo), que se levasse em consideração a quantidade de letras para a escrita da palavra, poderíamos dizer que era característico da escrita silábica alfabética. No entanto, presenciando o processo de escrita, entendemos que foi uma abreviação. Já para a escrita alfabética, podemos ver no geral que o texto apresenta transcrições fonéticas entre grafia e som no caso das letras: *i* (e); *di* (de); *sedo* (cedo).

Outro texto com a mesma temática da religiosidade é o de Joana.



Jesus disse pra Nicodemos:

Tu es mestre em Jerusalém

E não sabe estas coisas

Nicodemos tens que nascer

De novo. Nicodemos disse:

Como pode um homem nascer

de novo sendo velho?

Por ventura torna a

entrar no ventre de sua mãe

e nascer. Nicodemos

tu tens que nascer da água e do espírito.

O texto de Joana descreve uma passagem bíblica em que Jesus diz que um homem tem que nascer de novo para ganhar a vida eterna, não nascendo de forma carnal, mas de forma espiritual. A autora passa a mensagem sobre a aceitação da vida religiosa, dando uma explicação logo após a escrita do texto. Podemos perceber, no texto, que as convenções de escrita não são totalmente seguidas, típico de que o processo de escrita está em andamento. Mas, mesmo com todas essas lacunas, observamos que os objetivos de comunicação foram alcançados, ou seja, a intenção comunicativa foi repassada.

O texto, assim como os de Dora, Maria José e Manuel, denuncia a vitória sobre a barreira de apresentação do código escrito, com apenas uma falha e confusão entre grafia e sons de algumas palavras, como também presentes no texto de Joana: *disce* (disse); *di* (de); *nacer* (nascer).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aquisição da escrita é um processo através do qual o sujeito age para concretizar suas intenções comunicativas. Esse processo, que se caracteriza como alfabetização, é o caminho para vencer desafios de atuação social. Os adultos não escolarizados, quando usam a técnica da escrita, o fazem despertados pelo desejo de adquirir outras habilidades, que não apenas a oral, para interagir melhor com o mundo que os rodeia.

Entendemos que esta é uma pesquisa relevante no âmbito acadêmico, uma vez que desperta para a consciência de um processo na aquisição do sistema da escrita, reconhecendo o sujeito como ser criador e de como se dá o processo de alfabetização, mesmo o sujeito não tendo ido à escola. Para o âmbito escolar, é salutar reconhecer que o sujeito é um ser em constante construção e que tanto a criança quanto o adulto possuem um particular processo de aprendizagem contínuo e complexo. Para a sociedade, essa aprendizagem constante é motivada pela necessidade de transitar em diferentes esferas sociais, inserindo-se nessas diversidades de contextos, de forma a contribuir positivamente para a melhoria das relações. É nesse direcionamento que esse estudo vale tanto para o nosso crescimento pessoal como para o profissional, proporcionando um conhecimento valioso.

Nesse contexto, ouvimos pessoas adultas não escolarizadas, mas que são alfabetizadas, e constatamos, com base no primeiro olhar sobre os dados levantados a partir das entrevistas, que o processo de aquisição da escrita deles esteve em consonância com o método analítico de Ferreiro (1985), em que se pensou na palavra para executá-la na escrita, se utilizando de um todo, para poder concretizá-la através do som. Vimos que Dora foi capaz de construir um contexto coerente carregado de intencionalidade. Maria relatou toda a sua história de aprendizagem, detalhando cada etapa de evolução. José apresentou uma competência linguística satisfatória, criando contextos com estruturas bem elaboradas. Manuel construiu um texto sobre sua religiosidade, assim também como Joana que, na sua construção, tenta passar a ideia de devoção.

Na segunda parte da análise, constatamos que, em todos os textos, o nível de alfabetização predominante foi o nível alfabético, evidenciado em representações como: *reseita* (receita), *bolu* (bolo), *muer* (moer). No entanto, dentro dos textos, também encontramos vestígios do nível silábico alfabético que podemos confirmar nas palavras encontradas como: *tijou* (tijolo), em que a vogal “u” representa a sílaba “lo”, ou seja, uma letra representando uma sílaba.

Entendemos, portanto, que os objetivos foram alcançados, uma vez que conseguimos levantar textos entre adultos não escolarizados e neles perceber o processo como foram alfabetizados, bem como os níveis de alfabetização em que se encontram. Além disso, houve o despertar para uma consciência de valorização desse saber construído assistematicamente, mas que permite certo conforto no trânsito social.

Dessa forma, afirmamos que a metodologia adotada foi suficiente para a realização de todas as etapas e, por ser uma abordagem de pesquisa etnográfica, criou uma maior proximidade com o objeto de pesquisa e com os sujeitos colaboradores, possibilitando uma visão mais complexa da realidade existente.

Acrescentamos que o referencial teórico nos proporcionou um aparato de saberes adequado à pesquisa necessária à análise. Com Emília Ferreiro, evidenciamos que na escrita os níveis sociais e culturais estão unidos numa homogeneidade na ação recorrente da escrita do sujeito, que é capaz de assimilar, reconhecer, incitar e sugerir, levando em consideração a logicidade daquilo que aprende. Em Freire, extraímos que o sujeito é o próprio ator do seu conhecimento, se levarmos em consideração a construção do enunciado, expondo o seu ato de criação, gerando palavra a partir de sua necessidade de significação.

Nos textos analisados, o domínio da língua tem relação com a possibilidade de plena participação social, pois é através dela que o homem se comunica, tem obtenção à informação, divide ou constrói visões de mundo, construindo conhecimento. Assim, aprendemos que a intenção comunicativa é a que vale, levando também em consideração o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é a forma, mas sua adequação às circunstâncias de uso para conseguir o efeito pretendido.

Ao encontro da nossa discussão, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) entendem que a alfabetização não é um processo apoiado em descobrir e memorizar e, para saber ler e escrever, o aluno necessita produzir um conhecimento de caráter conceitual. Ele precisa entender o que a escrita simboliza, como também de que forma ela caracteriza graficamente a linguagem, considerando não só o conhecimento didático reunido, mas também a colaboração de outras áreas para a formação do conhecimento como a psicologia da aprendizagem, a psicologia cultural e as ciências da linguagem.

Por este viés, sugerimos que o ensino da escrita tanto para a criança quanto para o adulto, seja uma construção voltada para os significados da vivência social do sujeito aprendente. Ou seja, que a razão do saber seja despertada pelo desejo de alargar conhecimentos que lhe tenham significados. Por isso, é necessário que a criança, assim como

o adulto, aqui muito bem representando, também comece sua aprendizagem a partir do que conhecem, até chegar a um universo maior de outros saberes não tão próximos.

Por fim, esperamos que esta pesquisa colabore para instigar outros debates e discussões, pois somos conscientes de que a temática pesquisada não se apresenta como discussão concluída, uma vez que toda ciência é complexa, necessitando de outros olhares e posições de todos aqueles que se mostrem interessados em aprofundar e aperfeiçoar o estudo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Dayse Auricéa da Silva; RODRIGUES, Linduarte Pereira. **Aquisição da escrita na Educação de Jovens e Adultos**: discutindo alfabetização e letramento João Pessoa: Revista encontro de vista, 2013.

BARBOSA, Priscila Maria Romero. Emília Ferreiro, Ana Teberosky e a gênese da Língua Escrita. **Educação Pública**, Rio de Janeiro, jun.2015. Disponível em <
<http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/emilia-ferreiro-ana-teberosky-e-a-genese-da-lingua-escrita>. Acesso em: 05 ago. 2017.

BRASIL,/ MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental,1997.

BRITO, Antônia Edna. Prática pedagógica alfabetizadora: aquisição da língua escrita como processo sociocultural. **Revista Iberoamerica de Educación**: Piauí, nº 44/4, Nov. 2007. Disponível em: file:///C:/Users/CLIENTE/Downloads/1877Brito.pdf. Acesso em: 27 Jul. 2017.

DREYER, Loiva. **Alfabetização**: um olhar de Paulo Freire. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011.

DURANTE, Marta. **Alfabetização de adultos**: leitura e produção de textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DEFOURNY, Vincent; REGATTIERI, Marilza; CUNHA, Célio da. **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil**: lições da prática, Brasília: Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO), 2008.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes médicas, 1985.

_____, Emília. **Alfabetização em processo**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____, **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Com todas as letras**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____,TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua escrita**. Porto Alegre: Artes médicas, 1985.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e pratica da libertação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à pratica educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler: Os três artigos que se completam**. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006

FREITAS, Lia Beatriz de Luca. **A produção de ignorância na escola: uma análise crítica do ensino da língua escrita na escola**. 03. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FUCK, Irene Terezinha. **Alfabetização de Adultos: relato de uma experiência construtiva**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. Rio Claro, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun.1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 17 jul.2017.

GOLBERT, Clarissa S. **A Evolução psicolinguística e suas implicações na Alfabetização: teoria - avaliação – reflexões**. Porto Alegre: Artes médicas, 1988.

HADDAD, Sérgio; SIQUEIRA, Filomena. Analfabetismo entre Jovens e Adultos no Brasil. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Vitória-ES. v. 1, n. 2, p. 88-110, jul./dez. 2015. Disponível em: file:///D:/Downloads/166-304-1-SM.pdf. Acesso em: 1 ago. 2017.

IBGE- **Taxa de Analfabetismo**: Noticias em Educação. Disponível em: < <http://g1.globo.com/educação/noticia/2015/11/taxa-de-analfabetismo-ibge.html>. Acesso em: 01 jul. 2017.

KRAMER, Sonia (org). **Alfabetização: dilemas da prática**. Rio de Janeiro:Dois pontos, 1986.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LEMLE. Mirian. Guia Teórico do Alfabetizador. São Paulo: Ática, 2001.

MACHADO, Maria Clara. **Analfabetismo** - Ministério da Educação. Disponível em:< <http://portal.Mec.gov.br/component/tags/tag>. Acesso em: 1. jul. 2017.

OLIVEIRA, Edna Castro. **A escrita de adolescentes e adultos: processo de aquisição e leitura do mundo**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1988.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 47. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Universidade FEEVALE, 2013.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____, Magda. **Aprender a escrever, ensinar a escrever**. Minas Gerais: UFMG.
Disponível em: < http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p059-075_c.pdf. Acesso em 05 de Jul. 2017.

_____, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A- QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

TÍTULO DA PESQUISA: *Processos de aquisição da escrita: uma análise de textos de adultos não escolarizados*

OBJETIVO GERAL DA PESQUISA: *analisar o processo de aquisição da escrita em textos de adultos não escolarizados.*

PESQUISADORES: *Maria Nazareth de Lima Arrais (Orientadora)*

Ana Célia Nunes de Lima (Orientanda)

QUESTIONÁRIO

1 Dados de identificação

Nome:					
Endereço:					
Seu sexo:	Masculino <input type="checkbox"/>	Feminino <input type="checkbox"/>	Data de nascimento:		
Cor/etnia:	<input type="checkbox"/> Branco(a).	<input type="checkbox"/> Pardo(a)	<input type="checkbox"/> Negro(a).	<input type="checkbox"/> Amarelo(a).	<input type="checkbox"/> Indígena
Qual seu estado civil?					
<input type="checkbox"/> Solteiro(a).					
<input type="checkbox"/> Casado(a).					
<input type="checkbox"/> Separado(a) / divorciado(a) / desquitado(a).					
<input type="checkbox"/> Viúvo(a).					
<input type="checkbox"/> União estável					

2 Dados socioeconômicos

Onde você nasceu?	
Onde você mora hoje?	
Quem mora com você?	
Qual o principal meio de transporte que você utiliza para sair de casa?	
<input type="checkbox"/> A pé/carona/bicicleta.	<input type="checkbox"/> Transporte coletivo.
<input type="checkbox"/> Transporte escolar.	<input type="checkbox"/> Transporte próprio(carro/moto).
Qual é a sua participação na vida econômica de sua família?	
<input type="checkbox"/> Você trabalha e ajuda a custear gastos	
<input type="checkbox"/> Você é aposentado e ajuda a custear gastos.	
<input type="checkbox"/> Você trabalha ou é aposentado e é responsável pelo sustento da família.	
Qual sua renda mensal individual?	
<input type="checkbox"/> Nenhuma.	
<input type="checkbox"/> Até 03 salários mínimos (até \$1,530.00).	
<input type="checkbox"/> de 03 até 05 salários mínimos (de \$1.530.00 até \$2.550.00).	
<input type="checkbox"/> de 05 até 08 salários mínimos (de \$2.550.00 até \$4.080.00).	
<input type="checkbox"/> Superior a 08 salários mínimos (superior a \$4.080.00).	
<input type="checkbox"/> Benefício social governamental, qual? _____ valor atual: _____	

Já frequentou a escola? [] Sim [] Não
Se a respostas for negativa, justifique.

3 Dados socioculturais

Como aprendeu a escrever?

Qual a idade tinha quando começou a escrever?

O que a(o) levou a querer escrever? Alguém ajudou?

Você acha que se tivesse ido à escola sua vida seria melhor? Por quê?

Obrigada pela sua colaboração!
As pesquisadoras

APÊNDICE B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA: UMA ANÁLISE DE TEXTOS DE ADULTOS NÃO ESCOLARIZADOS

Pesquisador: MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 66080017.7.0000.5575

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.012.793

Apresentação do Projeto:

O presente projeto tem com objetivo analisar o processo de aquisição da escrita em textos de adultos não escolarizados, partindo da necessidade de conhecer a construção da linguagem escrita, bem como da ideia de conhecimento dessa modalidade pelo adulto não alfabetizado, como também da capacidade de reconhecimento das letras, da formação das palavras e da produção de enunciados.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar o processo de aquisição da escrita em textos de adultos não escolarizados.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos foram definidos pela pesquisadora como insegurança na hora de produzir os textos e constrangimento por expor os seus textos a terceiros ou responder ao questionário, e os benefícios da pesquisa serão: o respeito aos diferentes níveis de letramento e alfabetização, a valorização do conhecimento, o aumento da autoestima e o sentimento de capacidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante para a área da educação à medida que se propõe a identificar as etapas da escrita de adultos não escolarizados à luz da psicogênese da língua escrita e da proposta de escrita freiriana que compreende esta ação como fruto e prática social.

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

UF: PB

Município: CAJAZEIRAS

CEP: 58.900-000

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cep@cfp.ufcg.edu.br



UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE



Continuação do Parecer: 2.012.793

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresentou todos os termos necessários para a realização da pesquisa.

Recomendações:

Inserir, no quadro reservado às intervenções, a escrita espontânea do texto.

Explicitar o local da coleta de dados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O trabalho é relevante e apresenta a documentação necessária para a coleta de dados.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_884085.pdf	22/03/2017 20:44:12		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodepesquisaa.docx	22/03/2017 17:55:58	MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS	Aceito
Folha de Rosto	Folharostoa.pdf	22/03/2017 09:43:32	MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMOLIVREEESCLARECIDOa.docx	22/03/2017 09:38:10	MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAJAZEIRAS, 12 de Abril de 2017

Assinado por:
Paulo Roberto de Medeiros
(Coordenador)

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

CEP: 58.900-000

UF: PB

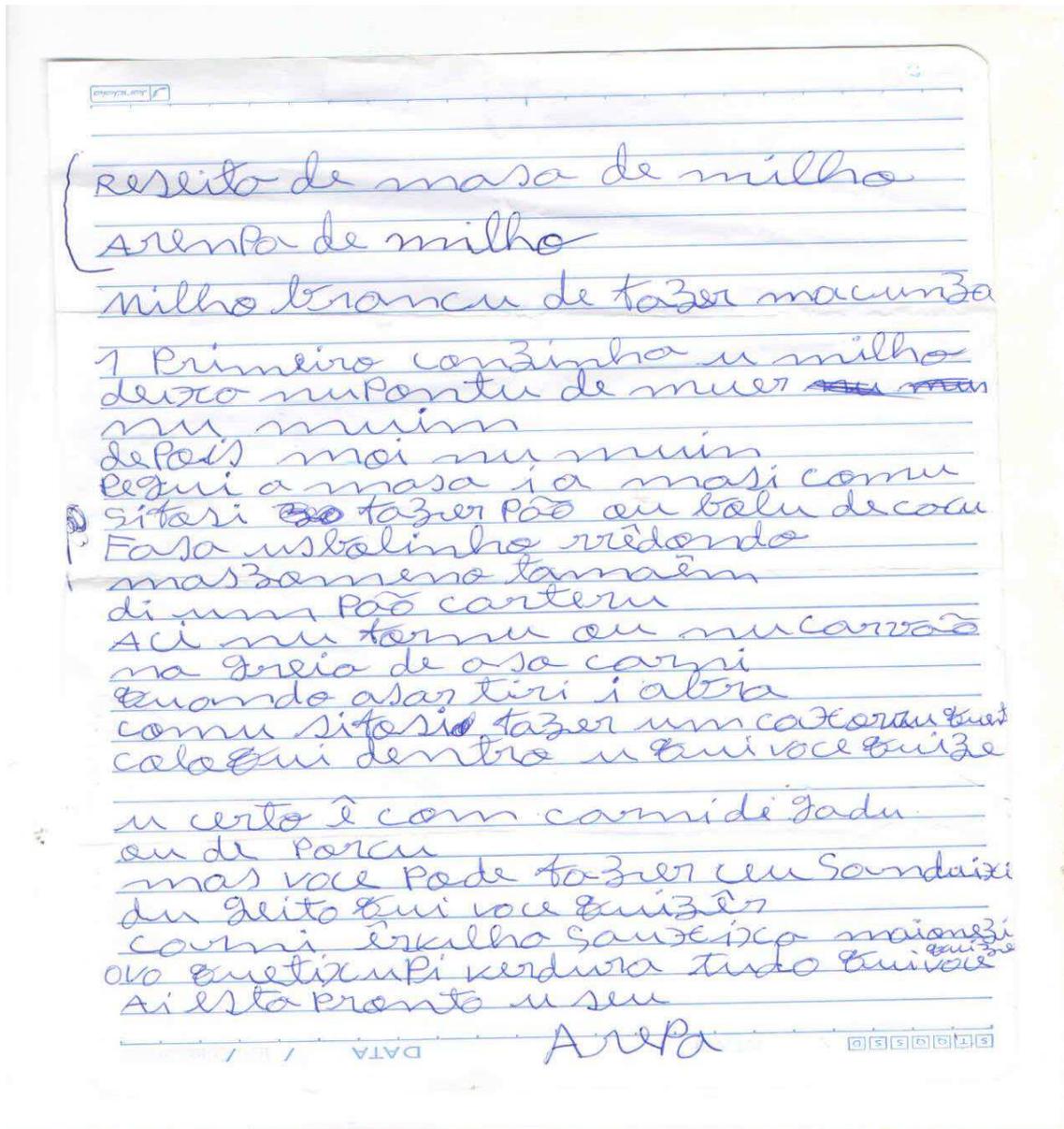
Município: CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cep@cfp.ufcg.edu.br

ANEXOS

ANEXO A - TEXTO "A": DORA



ANEXO B - TEXTO "B": DORA

eu quero li falado do amor
 de deus eli sei em mundo
 Pra saúdo u pouca seu
 u nosu Jesus eli e a lus
 Em lugar se guora eli...
 Mas condois

2 Jesus eu Pai que não
 ti o bando no tai eli eu
 ticriou i não que ker
 voce sobre si eli ti Proveu
 e Por que lianna Peri
 Desti drama i kenha a
 eli a gradeçê

Eu tenho um chamado
 Pm meu senho eu fui
 Escolhido por Jesus meu
 salvador a minha
 história eli ta mudora
 guora eu conto i lora
 pro Jesus u meu criado

ANEXO C - TEXTO "C": JOSÉ

Conceição 30 de 11 2016

Maria Clara Deus tifa ca
sem felis estão muita

Saudadi di voce i
Seu pai i de sua Meir

esta Chegandi O Natal

Esperu mais tudo aque
acima seu Vaufo.

ANEXO D - TEXTO "D": JOSÉ

Comceição 29 de 11. 2016

Edgls Vou pedi para voce

procurar tijou de pedra

preta daqueli que

Tem na cançada

Dagui de casa

procuri o preçu

du metro

eu quero 2 Mertu i 50

para manda o dinheiro

acima

jose

ANEXO E - TEXTO "E": MARIA



 X Eu aprendi a ler e escrever
 mais nunca fui em nenhuma
 escola eu via meu
 irmão lendo a revista de
 Tazan eu ficava escutando
 mais quando percebia
 ele ficava lendo baixo eu
 pedia para ele ler alto ele
 dizia aprenda di eu peguei
 a revista e perguntei de
 outro irmão (como era
 o nome das letras do nome
 de Tazan e ele disse
 e eu comecei a fazer
 o nome de Tazan depois
 peguei Za e outro Za ai
 anotei a meu irmão ele
 disse Fiz o nome de
 Zaza ai Papai me deu
 uma carta de ABC ai
 meu irmão explicou
 o nome das letras eu decorei
 e comecei a juntar as letras e
 formar palavras rapidinho eu
 ler e escreve na aquele
 tempo eu tin 9 ano
 mais vontade de ler era
 muito grande

ANEXO G - TEXTO "G": JOANA

Amor, felicidade
PAIXÃO MANÇA

O AMOR de Deus é
INFINITO

JESUS disse PARA NICODEMOS -
TU ES MESTRE EM JERUZALEM -
E NÃO SABE ESTAS COIZAS .

NICODEMOS TEM QUE NASCER -
NOVO NICODEMOS disse -

Como pode um homem NASCER -

~~sem~~ devoto sendo velho -

Por ventura torna a entrar -

no ventre ~~da~~ de SUA -

MAE e NASCER. NICODEMOS -

TU TEM QUE NASCER DA ÁGUA e -
do ESPÍRITO .